

SEGUNDO

Livro de Leitura

(SÉRIE FONTES)

Adotado nas escolas
públicas do Estado de
Santa Catarina

FCC

00019404 - 2

NOVA EDIÇÃO

postado de acôrdo com a ortografia oficial
(decreto-lei federal n. 292, de 23
de fevereiro de 1938)

TIP. LIVRARIA CENTRAL
de
ALBERTO ENTRES
FLORIANÓPOLIS
1941

Maria Teresinha
Haenschke

SEGUNDO LIVRO DE LEITURA

SEGUNDO

Livro de Leitura

(SÉRIE FONTES)

St

Adotado nas escolas
públicas do Estado de
Santa Catarina

NOVA EDIÇÃO

posta de acôrdo com a ortografia oficial
(decreto-lei federal n. 292, de 23
de fevereiro de 1938)

TIP. LIVRARIA CENTRAL
de
ALBERTO ENTRES
FLORIANÓPOLIS
1941

1800

Diário de J. J. de Almeida

Diário de J. J. de Almeida
1800

1800

Diário de J. J. de Almeida
1800

1800

1800

Prefácio da 1ª. edição

Não foi a falta de bons livros de leitura que me levou a propor ao exmo. sr. dr. Hercílio Luz a impressão por conta do Estado da presente série de livros escolares.

A causa dêste empreendimento foi a falta de livros de custo módico, de livros que, podendo ser adquiridos sem sacrifício pelos remediados, possam também, à larga, ser distribuídos gratuitamente entre aqueles para quem alguns costumes representam quantia apreciável.

Empenhando-se o Estado em tornar efetivas as leis que promulgou sobre a obrigatoriedade do ensino, precisa por isso facilitar a aquisição de livros; precisa mesmo dá-los aos que não os possam comprar e aos que relutem em adquirí-los.

Mas claro está que nesta série de livros não se procura somente a exiguidade do custo; com igual cuidado procura-se também que nela, tanto no assunto como na feitura material, sejam observadas as lições da pedagogia, de modo que, ainda sob êste aspeto de importância capital, não sejam os presentes livros inferiores aos seus congêneres.

Serão, por isso, recebidas com muito agrado todas as observações que os srs. professores públicos ou particulares a respeito dos mesmos queiram fazer, convindo mesmo frisar que esta edição, devido ao curto espaço de tempo em que foi organizada, e devido também à atual carestia do papel, é uma tiragem de ensaio, já calculada para se esgotar no corrente ano letivo.

Isso é mais uma razão para que os que lidam no ensino se dignem mandar-me suas indicações, que serão acolhidas como assinalado favor.

Florianópolis, janeiro de 1920.

Henrique Fontes

Diretor da Instrução Pública

Preleção da 1.ª edição

Este livro contém as primeiras lições de álgebra para os alunos do curso de matemática da Universidade Federal de Santa Catarina. O conteúdo é dividido em capítulos que abordam os fundamentos da álgebra, incluindo operações com números reais, equações e inequações lineares, e sistemas de equações lineares. O texto é escrito em uma linguagem clara e objetiva, com exemplos e exercícios para facilitar o entendimento dos conceitos.

As primeiras lições tratam das operações com números reais, incluindo a adição, subtração, multiplicação e divisão. São também abordados os conceitos de potências e raízes. Em seguida, o texto trata das equações e inequações lineares, mostrando como resolver problemas envolvendo essas equações. Por fim, são abordados os sistemas de equações lineares, com ênfase na resolução de sistemas de duas equações com duas incógnitas.

O livro é uma excelente ferramenta para o ensino de álgebra, tanto para o professor quanto para o aluno. Ele oferece uma abordagem clara e objetiva dos conceitos, com exemplos e exercícios que ajudam a consolidar o conhecimento adquirido.

1. Nossa Pátria

Nossa Pátria é o Brasil.

Todos devemos amá-lo e procurar servi-lo e engrandecê-lo.

Os meninos devem também mostrar-lhe seu amor; devem também trabalhar pela grandeza da Pátria.

Por meio do estudo, da obediência aos pais e aos mestres, da amizade a seus companheiros, do cumprimento de todos os deveres em casa e na escola, mostrarão os meninos o amor que tem à sua Pátria.

O menino estudioso, obediente, leal e cuidadoso de suas obrigações será depois um cidadão excelente.

O Brasil é um país grande, belo, glorioso e hospitaleiro.

Nele todos podem viver em paz e liberdade.

Devemos ter orgulho de ser brasileiros e procurar ser cidadãos dignos de um país tão cheio de riquezas e maravilhas como é o Brasil.

2. Meu Brasil

Meu Brasil! — Terra formosa!
Deu-te o céu a distinção!
Tens a forma grandiosa
Dum imenso coração!

Meu Brasil! — Pátria bondosa!
Jamais inspiras receio;
Como uma mãe carinhosa,
A todos abres teu seio!

Meu Brasil! — Terra bendita,
No teu céu de puro azul,
Com viva luz infinita,
Brilha o Cruzeiro do Sul!

Meu Brasil! — Terra d'encantos,
„Onde canta o sabiá“,
Os teus primores são tantos,
Que não sei cantá-los já!

Oh! minha terra querida,
Deu-te o céu a distinção!
Tens a forma, tens a vida,
Dum imenso coração!

Delminda Silveira.

3. Gratidão

Um médico, passeando um dia pelo campo, viu um homem muito velho a plantar árvores frutíferas.

— Bom homem, — disse-lhe o médico, — que idade tem o senhor?

— Setenta e cinco anos, — respondeu o ancião.

— Setenta e cinco anos! — exclamou o médico, admirado. — E o senhor ainda espera comer os frutos das árvores que está plantando?

— Há mais de setenta anos, — replicou o velho, — que eu como frutos de árvores que não plantei nem semeei. Quero pagar àqueles que vierem depois de mim o benefício que recebi dos que antes de mim nasceram e trabalharam.

4. A figueira e o junco

Depois de uma noite muito tempestuosa, um pai foi com seu filho ao campo, para ver os estragos causados pelo temporal.

— Ora, veja! — exclamou o rapaz — lá está por terra a figueira grande, que parecia

tão forte, enquanto o junco ainda está de pé à beira do ribeirão. Sempre pensei que a ventania derribasse mais facilmente o junco do que a figueira.

— Meu filho, — respondeu o pai, — a figueira não soube dobrar-se e por isso quebrou; mas o junco foi poupado, porque se curvou às rajadas da ventania.

5. Os três reinos da natureza

Todos os seres que existem na Terra podem dividir-se em três grandes grupos, chamados **reinos** da natureza: o **reino animal**, o **reino vegetal** e o **reino mineral**.

Os animais formam o primeiro reino. O estudo deles tem o nome de **zoologia**.

As plantas pertencem ao reino vegetal, e são estudadas pela **botânica**.

Os corpos que não teem vida, como as pedras, a areia, a água, os metais, formam o reino mineral. O estudo dêstes corpos tem o nome de **mineralogia**.

O estudo da **botânica**, da **zoologia** e da **mineralogia** chama-se **história natural**.

6. **DEUS**

Eu me lembro! eu me lembro! — Era pequeno
E brincava na praia; o mar bramia
E, erguendo o dorso altivo, sacudia
A branca espuma para o céu sereno.

E eu disse a minha mãe nesse momento:
— Que dura orquestra! Que furor insano!
Que pode haver maior do que o oceano,
Ou que seja mais forte do que o vento?

Minha mãe, a sorrir, olhou p'ros céus
E respondeu: — Um Ser que nós não vemos
E' maior do que o mar, que nós tememos,
Mais forte que o tufão! meu filho, é DEUS!

Casimiro de Abreu.

7. As plantas

Cada árvore, cada arbusto, cada herva-zinha, é uma oficina

Numa se fabrica a madeira; noutra, o linho; em outra, o algodão; em outra, o pão; em outra, a fruta; em outra, o azeite; em outra, o vinho; nestas, os remédios; naquelas, os regalos; em todas, o ar vital, que nos alarga os peitos, restituindo nos, com a saúde, serenidade e satisfação.

A. F. de Castilho

8. Necessidade do trabalho

Mariazinha achou uma vez uma noz. Ela tinha ouvido dizer que as nozes eram muito gostosas, e por isso levou a à boca. Mas achou-a tão dura que pensou em pô-la fora.

— Chi! é dura como uma pedra! Quem pode comer isto?

Nesta ocasião chegou Augusto, irmão mais velho de Mariazinha, e, tomando a noz, lhe disse:

— Olha, Mariazinha, sem um pouco de trabalho, não se pôde conseguir nada; é pre-

ciso não desanimar logo no comêço. Para comeres a noz, primeiro deves quebrar a casca, assim. Vês? aquí está a amêndoa. Toma!

Mariazinha recebeu do irmão a amêndoa, comeu-a e teve de declarar que era deliciosa.

Augusto, acariciando a irmãzinha, disse:

— Vês, minha irmã? tudo na vida é assim. Nada se pode conseguir sem esforço nem trabalho.

9. A raposa e as uvas

Contam que certa raposa,
Andando muito esfaimada,
Viu roxos, maduros cachos
Pendentes d'alta latada.

De bom grado os trincaria;
Mas, sem lhes poder chegar,
Disse: „Estão verdes, não prestam,
Só cães os podem tragar“.

Eis cai uma parra, quando
Prosseguia o seu caminho;
E, crendo que era algum bago,
Volta depressa o focinho.

Bocage

10. O tolo e as moscas

Um maluquinho que trazia a cabeça rapada, não podia suportar as moscas que lhe pousavam em cima e lhe davam mordidelas atrozes.

Lembrou-se — sabem de que? — de ir ao juiz apresentar uma queixa contra as moscas, que tanto o incomodavam.

O juiz, que o conhecia e estava para se rir um bocado, atendeu-o com toda a seriedade e no fim deu por sentença: — que onde quer que êle visse uma mosca podia usar do seu direito e dar-lhe uma paulada.

O maluquinho, que isto ouviu, olha para a cabeça do juiz, vê uma mosca pousada, e zás! ferra-lhe uma tão grande pancada que o deixou como morto.

Prenderam-no e queriam julgá-lo, mas êle defendeu-se com a sentença que lhe mandava dar uma paulada nas moscas onde quer que as visse. Não tiveram remédio senão deixá-lo em liberdade.

Bem certo é — que com tolos nem para o céu.

Ana de Castro Osório

Dize-me com quem andas, dir-te-ei quem és.
Uma má ovelha põe um rebanho a perder.

11. Uma boa lição *de*

Estava um menino chamado Hipólito a tomar conta de uma vaca em um pasto vizinho ao jardim de seu pai.

Perto dali viu um araçazeiro coberto de frutos maduros. Hipólito não pôde resistir ao desejo de comer aqueles araçás e, deixando a vaca, encaminhou-se para a árvore, à qual subiu.

A vaca, vendo-se sòzinha e sem guarda, entrou no jardim, comeu plantas e flores à vontade, e estragou muitas com os pés.

Quando Hipólito desceu do araçazeiro e viu o estrago que a vaca tinha feito, ficou furioso e tomou uma grande vara para lhe bater.

Mas seu pai, que tudo tinha visto, chegou-se a êle e lhe disse em tom severo:

— Quem merece castigo, tu ou êsse animal, que não sabe distinguir o bem do mal? Não satisfizeste o teu apetite da mesma sorte que o animal, que tinhas obrigação de vigiar? Entretanto, querias dar lhe um castigo não merecido, esquecendo-te de que o mal que a vaca fez foi devido ao teu descuido.

Hipólito ficou muito triste com o acontecido e também muito envergonhado, porque viu que seu pai lhe estava dizendo a pura verdade.

12. A cabeça

A cabeça está coberta pelos **cabelos**. Os cabelos servem para proteger o **crânio**.

O crânio é uma caixa formada de ossos, e tem dentro o **cérebro**. O cérebro é o órgão do pensamento e da inteligência.

A parte superior da cara chama-se **testa**. A pele da testa move-se, formando pregas e sulcos. Com o tempo, estas pregas ou sulcos formam rugas que se não desfazem.

A' direita e à esquerda da testa ficam as **fontes**.

Na parte inferior da testa ficam as **sobranceiras**, que também se chamam **sobrolhos**. As sobranceiras são dois arcos de pêlos, e servem para impedir a caspa de chegar aos olhos, e também para desviar destes o suor que escorre da testa.

Trindade Coelho

13. Da cabeça e das orelhas

— *Como se há de conservar a cabeça?*

— A cabeça há de conservar-se direita e naturalmente levantada, sem fazê-la andar à roda, como catavento, nem trazê-la habitualmente pendida para o ombro direito ou esquerdo, abaixada para diante, ou lançada para trás.

Bambeá-la sempre e balançá-la sôbre o pescoço, como se se procurasse equilibrá-la, é de gente parva, de juízo leve, cabecinha de vento.

Os movimentos da cabeça devem ser moderados e dignos, naturais e sem afetação.

Fôra violar as leis da civilidade responder batendo, ou sacudindo com a cabeça, e desasseio coçá-la, ou passar a mão por entre os cabelos, maiormente à mesa.

— *Que tais os meninos que trazem os ouvidos poucos asseados, ou os limpam com os dedos diante de gente, ou sopram e dão gritos nos ouvidos dos outros?*

— Estes meninos passam necessariamente por grosseiros e mais educados; devem ser advertidos, para não caírem mais nestes defeitos, que podem ter más consequências.

Este órgão do ouvido, que nos foi dado pelo Creador, não deve ser manchado com palavras feias e indecentes e só deve abrir-se a discursos honestos e sensatos.

D. Antônio de Macêdo Costa

14. Carta de parabens

Florianópolis, 8 de janeiro de 1922.

Minha querida Mãe.

As saudades que sinto da Senhora são dobradas hoje, dia de seu aniversário.

Depois que me separei da Senhora é que pude ver quanto a estimo. Nem posso entender como tantas vezes desobedeci a suas ordens e recebi seus conselhos com maus modos.

Ah! minha querida Mãezinha, muito me arrependo de lhe ter dado desgostos, e creio que hoje, dia de festa para Senhora, lhe será grato ouvir esta declaração sincera que lhe faz seu filho.

Creio ser este o presente mais agradavel que lhe posso fazer. A ele acrescento meus parabens e os votos que dirijo a Deus para que a Senhora tenha vida muito longa e muito feliz.

Abraça-o e beija-lhe as mãos muito respeitosamente

seu filho saudoso

Manuel.

15. O papel e a corda

Passeava um professor com um seu discípulo, quando viu um pedaço de papel na rua.

— Apanha aquele papel, — disse êle ao discípulo, — e vê se tem algum cheiro.

O discípulo apanhou o papel e disse:

— Tem cheiro agradável.

— Onde lhe virá êsse perfume? — perguntou o professor.

— Provavelmente, — respondeu o discípulo, — de ter embrulhado algum objeto perfumoso.

Continuaram a passear e o professor viu noutra rua um pedaço de corda.

— Apanha aquela corda, — disse êle ao discípulo, — e vê se tem algum cheiro.

— Tem mau cheiro.

— Onde lhe virá êsse cheiro? — perguntou o professor.

— Parece que serviu para atar peixe estragado.

Então o professor observou:

— O contacto com as cousas puras e perfumadas comunica bom aroma; o contacto com

as coisas impuras e corrompidas comunica cheiro desagradavel. Vive com os bons e serás um deles. Foge dos maus, para não seres mau como eles.

(Ext.)

16. A lição

— „A, b, c...“ — E mal olhava,
Alheio e triste. Que tinha?
Seu pensamento caminha;
Das mãos o livro tombava.

— „Sabe, mãe! do que eu gostava?
Era de ser andorinha:
Desde a manhã à noitinha,
Batia as asas, voava!“

— „Então, não cismes, à toa!
Quem sabe ler também voa, —
Diz-lhe a mãe em voz serena.

„Asas de luz... Estudando,
Vão-se em nossa alma ajuntando:
Letra a letra: pena a pena!“

A. Corrêa de Oliveira

17. A leitura

Cegara o velho general, e desde então nada havia que o fizesse sorrir, nada que lhe prendesse a atenção, nada que o distraísse. Mergalhado na pavorosa noite da cegueira, entregava-se completamente a todo o horror das suas cerradas trevas, sem fôrças para reagir.

Tinha só uma filha, viúva, e uma neta, que a mãe pusera de pensionista num colégio.

Um dia, vendo a boa senhora que o pai estava peor e mais triste ainda, mandou buscar a filha, a sua Valentina.

Veio a menina ameigar o avô; beijava-o, passava-lhe pelas longas barbas brancas as mãozinhas mimosas, contava-lhe coisas divertidas passadas com as colegas... e o velho silencioso. Esgotados todos os recursos, tomou a pequenina um livro e pôs-se a ler umas histórias de guerra, umas cenas de campo de batalha e de ambulâncias.

O rosto do infeliz general transformou-se; uma alegria suave espalhou-se-lhe pela fisio-

nomia. Quando a aveludada voz de Valentina esmorecia, animava-a êle, dizendo-lhe:

— Tem paciência, meu amor, lê mais!

Desde êsse dia reanimou-se o cego: passava horas felizes, ouvindo a netinha ler.

E' que então êle via claro, distintamente, tudo o que o livro dizia; voltava ao passado, à juventude, sonhava; saía do presente amargo e doloroso, e pela blandiciosa voz da neta ia a um tempo de alegria descuidada e de ardente entusiasmo! Por isso, quando o velho adormecia, tranquilo, esquecido da sua desventura, quasi risonho, Valentina ia dizer contente à mãe:

— Agora é que eu compreendo bem quanto vale à gente o saber ler.

Júlia Lopes de Almeida

18. Para a escola

Uma roseira abotoada,
Pelo orvalho acariciada,
Espera o Sol para abrir...

Crianças, botões de flores,
Não bastam mimos de amores,
A Escola, é luz a sorrir!

Retoiçando um dia inteiro,
Com sêde desce ao ribeiro
Um rebanho de ovelhinhas...

A Escola é água a correr...
Descei à Escola a beber,
Vinde, vinde, criancinhas.

Coitado o que na cadeia,
Em que o ar e a luz rareia,
Expia acaso algum crime!

A Escola é prisão, mas calma,
Que dá luz e ar à alma,
E que a liberta e redime.

Mal emplumado, do ninho
Já saíu o passarinho...
Lá vôa por sôbre as casas.

Criança, ave a emplumar,
Vinde aprender a voar!
Vinde à Escola p'ra ter asas!

Ana de Castro Osório

19. Pontualidade

Timóteo nunca chegava à escola à hora de começar a aula. Sempre tinha notas más. O professor dizia consigo: - - Este menino é incorrigível.

Mas, graças aos cuidados de sua mãe, Timóteo afinal se corrigiu.

Um belo dia, quando chegou a hora do almoço, Timóteo não achou nada na mesa. Sentou-se e esperou muito tempo, sem que o viessem servir. Afinal zangou-se, porque a criada se havia demorado muito.

À hora da merenda, fizeram-no esperar ainda mais, pelo que ficou furioso.

Ao jantar, foi a mesma coisa.

À ceia, Timóteo depois de longa espera, não se pôde conter: desatou a chorar, porque, — dizia êle, — estava com fome e não havia nada pronto.

Então sua mãe lhe disse:

— Queixas-te, meu filho, de que te fazem esperar e nada está pronto e preparado, quando desejas. E tu tens sempre prontas, à hora da aula, as tuas lições? Chegas sem-

pre a tempo à escola? E's cumpridor dos teus deveres?

Timóteo, que era inteligente, compreeu a lição e no dia seguinte foi o primeiro a chegar à escola e, pouco tempo depois, era o primeiro da classe.



20. Os olhos

As **pálpebras** servem para proteger os olhos. Os bordos das pálpebras são guarnecidos de **pestanas**, as quais servem para coar ou quebrar a luz forte, impedindo-a de magoar a vista.

As cavidades em que se encontram os olhos chamam-se **órbitas**. As órbitas também se chamam vulgarmente covas dos olhos.

No meio de cada um dos **olhos** fica a **menina**, que também se chama **pupila**.

A **pupila** ou **menina** é uma abertura pequenina e redonda, e serve para dar entrada aos raios da luz.

Se as pupilas se tapassem, os raios de luz não podiam penetrar no interior, e por isso não viamos.

A pupila está protegida por uma membrana transparente, chamada **córnea**.

À volta da pupila vemos uma membrana colorida em forma de faixa circular, chamada **íris**. A íris não tem a mesma côr em todas as pessoas : pode ser preta, ou azul, castanha, esverdeada, pigarça ; e assim dizemos que a pessoa tem olhos pretos, olhos azues, olhos castanhos, olhos verdes, olhos pigarços ou côr de sal e pimenta.

O **branco** dos olhos chama-se **esclerótica**.

Os olhos servem para ver. Quem não vê é cego. Quem vê pouco é míope ou présbito.

O míope vê melhor ao perto do que ao longe ; o présbito vê melhor ao longe do que ao perto. As pessoas de idade teem em geral a vista cansada : são présbitas.

Trindade Coelho

O coração e os olhos
São dois amigos leais :
Quando o coração está triste,
Logo os olhos dão sinais.

21. O lobo e o esquilo

(Fábula)

Um esquilo, saltando de ramo em ramo, caiu certo dia sobre um lobo adormecido.

O lobo agarrou-o e tratou de devorá-lo.

O esquilo suplicou-lhe que o poupasse.

— Está bem, — disse o lobo, — eu te perdoarei a vida, mas com a condição de que me digas por que razão vós os esquilos andais sempre tão alegres. Eu ando sempre aborrecido, e, entretanto, vos vejo sempre satisfeitos e dispostos a brincar.

O esquilo respondeu:

— Tenho medo de ti, não tenho coragem de falar; deixa-me saltar sobre um ramo e dir-te-ei.

O lobo soltou-o.

O esquilo subiu a uma árvore e de lá lhe disse:

— Tu te aborreces sempre, porque és mau; a crueldade seca o coração. Nós somos alegres, porque somos bons e não fazemos mal a pessoa alguma.

Leão Tolstói

22. Doçura e bondade

Há entre vós, meus filhos, indoles violentas, que não sabem dominar-se, e que se deixam arrastar pelas primeiras impressões. E' um grande defeito, e urge emendá-lo: conduz a desavenças e à prática de ações, cujo arrependimento chega tarde.

Citar-vos-ei dois casos de que fui testemunha.

Um rapaz, sacudido violentamente na rua por um homem que vinha diante dêle, volta-se e dá-lhe uma bofetada.

— Oh! senhor! — exclamou o outro, — mal sabe o remorso que vai ter! bateu num cego!

Um homem ainda novo, montado num burro, atravessava uma aldeia, e uns camponeses grosseiros começaram a apupá-lo, e a bater no burro, para o fazer correr. O homem apeou-se foi direito a êles, e mostrando-lhe a sua perna aleijada, disse-lhes:

— Se soubesseis que eu era coxo, não teríeis sido tão covardes.

Os camponeses, envergonhados, coraram, afastando-se sem pronunciar uma palavra.

Que vos parecem estas duas lições? Estou convencido que aproveitaram a quem as recebeu.

Guerra Junqueiro

23. As abelhas

As abelhas pequeninas
São cuidadas,
Habilidosas,
Laboriosas,
Muito ladinhas.
Douradas, ao Sol dourado,
Colhem nas flores do prado
O seu cheiro perfumado
E dizem, ao aspirá-lo
Num jardim ou num vergel:
— « Que rico cheiro! E' um regalo!
Vamos já já transformá-lo
No nosso mel!»
E andam a voar,
Sem descansar,
A trabalhar
De Sol nascente
A Sol poente,

Constantemente...

Vivem voando

E trabalhando

No seu serviço

Lá no cortiço...

Em revoadas

Continuadas

Vão revoando

Pelo caminho,

E vão cantando,

E vão cantando

Muito baixinho...

Que rico cheiro... E' um regalo!

Por isso o mel sabe tão bem à gente!

Já provaram?

Não gostaram?

E' ouro doce e luzente.

E' porque nos sabe a flores

— Rosas de todas as côres —

Onde as abelhas poisaram já,

A' luz do dia,

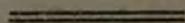
Que as alumia

Com seu encanto,

E a tudo quanto

Na Terra está...

Afonso Lopes Vieira



24. Os três salteadores

Tres salteadores mataram e despojaram um negociante que viajava por um mato com grande quantidade de dinheiro e preciosidades. Esconderam o tesouro roubado em uma caverna; e, como sentissem fome, foi o mais moço dêles à cidade para comprar comida.

Depois de êle ter desaparecido, disseram os outros dois:

-- Para que havemos de repartir estas riquezas com aquele rapaz? Matemo-lo, quando voltar.

O jovem salteador pensou pelo caminho:

— Como seria feliz, se todo aquele dinheiro me pertencesse! Envenenando meus dois companheiros, tudo ficará para mim só.

Tendo chegado à cidade, comprou víveres, misturou veneno ao vinho e voltou para o mato.

Apenas tinha posto o pé na caverna, os outros dois se arremessaram contra êle e o

assassinaram a punhaladas. Em seguida, sentaram-se a comer e beberam o vinho envenenado.

Daí a pouco começaram a sentir os efeitos do veneno e morreram debaixo de dores horríveis.

Mais tarde foram achados os cadáveres dos três salteadores no meio dos tesouros que tinham roubado.

25. Repreensão amigavel

Florianópolis, 11 de janeiro de 1922.

Meu querido Alfredo.

Recebi tua cartinha de ante-ontem. Havia muitos dias já que eu e todos os de casa esperávamos notícias tuas. Ficámos todos muito alegres, por saber que estás gozando boa saúde,

Com a franqueza de irmão que muito te estima, devo dizer-te que tua carta, devido ao pouco cuidado com que foi escrita me desagradou tanto

que não tive coragem de dá-la a Papai, para que êle a lesse.

As frases estão mal redigidas; as palavras estão cheias de erros de ortografia; as emendas são sem conta; sem conta são também as palavras que são adivinhadas e não lidas, devido à letra horrível com que foram escritas.

Bem sei que és principiante nos estudos; mas, com um pouco de esforço e capricho, podias ter evitado a maioria dos defeitos que apontei em tua cartinha.

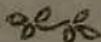
Estou certo de que atenderás a êste meu conselho de irmão e amigo. Assim, espero para breve nova carta tua, que eu, muito alegre, mostrarei a Papai, para que êle veja o teu progresso nos estudos e também a atenção e capricho que empregas nos teus trabalhos.

Todos os de casa mandam-te lembranças.

Com muita estima, abraça-te

o teu irmão e amigo certo

Álvaro.



26. Do nariz

Que regras de civilidade cumpre observar quanto ao nariz?

— Devem-se observar várias regras bem importantes:

1º. Assoar-se sempre com um lenço, com todo o asseio, volvendo o rosto um pouco para o lado, e sem estrondo.

2º. Não conservar o lenço na mão nem gesticular com-ê-lo, nem trazê-lo debaixo do braço nem pô-lo sôbre a mesa ou na cadeira, mas dentro da algibeira, que é o seu lugar. ✕

3º. Levar a mão ao nariz, ou introduzir o dedo nas fossas nasais é desasseio e grosseria imperdoáveis, e além disso costume perigoso pelos incômodos que pode acarretar, e de que nos podemos ressentir muito tempo depois. Devem, pois, os pais tratar com desvêlo de fazer evitar isto aos meninos.

4º. Há de se espirrar sem estrondo e guardando o asseio e modéstia conveniente. ✕

D. Antônio de Macedo Costa

27. As crianças

Com a candura e a meiguice
Nas finas faces rosadas,
São flores da meninice
Apenas desabrochadas.

O mundo e a vida povoando
Com os seus gorgeios suaves,
Chilreiam tontas e em bando,
Com a garrulice das aves.

O entusiasmo as levanta
Como um turbilhão de palmas,
E a esperança nelas canta,
Como canta em nossas almas.

Canto, aroma, luz e amores!
Por isso, adoro as crianças,
Como se adoram as flores,
As aves e as esperanças!

Osorio Duque-Estrada

28. A alma

— Mamãe, nem todas as crianças vão para o paraíso. Outro dia vi levar para o cemitério um menino que tinha morrido; o seu papai e as irmãzinhas acompanhavam o caixão e choravam tanto que fazia pena. Lam a chorar porque aquele menino tinha sido mau, não é verdade?

— Não; naturalmente foi sempre bom e sua alma, enquanto choravam seus pais e suas irmãs, já estava vivendo feliz no paraíso.

— Alma, mamãe; não sei o que isso é, não compreendo bem. ✕

— Maria, acabas de dizer que tiveste pena de ver chorar as duas pequerruchas.

— Tive, sim, mamãe; tive muita pena.

— Ora bem; que é que no teu corpo estava desconsolidado e triste? eram os braços?

— Não, mamãe.

— Eram as orelhas?

— Oh! não mamãe; era **cá dentro**.

— Esse **lá dentro**, Maria, é a tua alma, que se alegra ou se entristece, que te repreende, quando fazes o mal, e que está satisfeita, quando praticas o bem.

Guerra Junqueiro

29. A rã e o boi

Tomavam sol à beira dum brejo dona Perereca e tia Saracura. Nisto chegou um boi que vinha à cata do bebedouro.

— Queres ver, — disse a rã, — como fico do tamanho dêste animal?

— Impossível, rãzinha. Cada qual como Deus o fez.

— Pois olha lá! — retorquiu a perereca, estufando-se toda. — Não estou «quasi» igual a êle?

— Capaz! Falta muito, amiga.

A rã estufou-se mais um bocado.

— E agora?

— Longe ainda!...

A rã fez novo esfôrço.

— Alcancei-o, desta vez?

— Que esperança!...

A rã, concentrando todas as fôrças, enguliu mais ar, esticou-se, esticou-se até que „*plaf!*” rebentou como um balãozinho soprado fora de conta.

O boi, que tinha acabado de beber, lan-

çou um olhar de filósofo sôbre a perereca moribunda e disse à saracura, sorrindo :

— *Quem nasce para dez réis não chega a vintem.*

Monteiro Lobato

30. **A B O C A**

A **boca** fica entre as duas **queixadas**. As queixadas chamam-se também **maxilas**. A queixada de baixo move-se; a de cima não se move.

A boca tem em cima o **céu da boca**, chamado também **abóboda palatina**; em baixo tem a **língua**; na frente os **dentes** e os **lábios**; dos lados as **bochechas**, atrás a **campainha**.

Os dentes da frente, que tem o bordo cortante, chamam-se **incisivos**. São 4 em cada queixada.

Os dentes de trás chamam-se **molares**. São 10 em cada queixada, sendo 5 do lado direito e 5 do lado esquerdo.

Entre os incisivos e os molares, de cada lado da maxila superior e inferior, fica o dente **canino**. Os dentes caninos são portanto 4.

Os dentes do homem são, pois, ao todo 32, sendo 16 em cada queixada: 4 incisivos, 2 caninos e 10 molares.

Os nossos dentes começam a aparecer entre os 6 e os 10 meses. Aos 2 anos são em número de 20, sendo 10 em cada queixada, a saber: 4 incisivos, 2 caninos, e 4 molares. Estes primeiros dentes chamam-se **dentes de leite** e começam a cair aos 7 anos, sendo sucessivamente substituídos por outros mais fortes em número de 28. Por último nascem mais 4, ficando então completa a dentição.

Os dentes estão presos às queixadas e amparados pelas **gengivas**.

Com os dentes mastigamos a comida.

Com a boca tomamos o sabor e o gosto dos alimentos.

Trindade Coelho

31. A B O C A

Serve a boca p'ra comer,
E tambem para falar,
Pelo nariz, pela boca,
E' que eu posso respirar.

Duas gengivás eu tenho,
E' nelas que os dentes crescem;
Devo cuidar dos meus dentes,
Senão êles apodrecem.

Os meus primeiros dentinhos
Foram vinte e estão caindo;
Mais fortes e mais bonitos,
Trinta e dois irão saindo.

Trinta e dois: oito **incisivos**,
Afilados, pequeninos,
Mais vinte — são os **molares**,
E quatro — são os **caninos**.

Na boca tenho dois lábios;
O de cima é o superior,
O outro, que fica em baixo,
Tem nome de inferior.

Dois olhos, duas orelhas,
Só a boca não tem par.
Quer dizer que è mais prudente
Ver e ouvir que falar.

Hilário Ribeiro

32. A flauta do pastor

Um rei tinha um tesoureiro que do estado de simples pastor se havia elevado a êsse pôsto importante.

O tesoureiro, como acontece com todas as pessoas bem colocadas, tinha inimigos, e estes o acusaram perante o rei de roubar o dinheiro do govêrno e guardá-lo em um subterrâneo, que trazia fechado por uma porta de ferro.

O rei foi ter com o tesoureiro e visitou seu palácio. Quando chegou diante da porta de ferro, mandou-lhe que a abrisse.

Entrando no subterrâneo, o rei ficou admirado por não encontrar senão as quatro paredes, uma mesa simples e uma cadeira de palha. Em cima da mesa viam-se uma flauta, um cajado e uma bolsa de pastor.

O tesoureiro, porém, disse :

— Em minha mocidade guardava ovelhas. Tu, ó rei, me chamaste para a tua côrte. Desde então dei em vir diariamente a êste subterrâneo uma hora, para me lembrar da minha condição primitiva; aqui, repetia as canções que outrora can-

tava em louvor do Creador, quando pastoreava o meu rebanho. Ah! deixa-me voltar para minhas campinas paternas, onde vivia mais feliz do que na tua côrte.

O rei zangou-se muito com aqueles que haviam caluniado êsse homem tão nobre; e, abraçando-o, rogou-lhe que ficasse com êle.

(Extr.)

33. O tempo

Quem deixa para depois o que pode fazer logo, perde o que nunca mais encontrará — o tempo.

Os dias são como os rios que não tornam à nascente, correndo sempre em direitura ao mar.

Aquele que diz — « Tenho tempo » — é o que menos o tem.

Só há um meio de eternizar as horas efêmeras — é pôr nelas uma ação.

O lavrador que lança à terra uma mancheia de sementes, gasta um segundo no gesto, mas recupera-o no outono multiplicado em dias de abundância.

Em tudo que existe há tempo.

A Humanidade renova-se e aperfeiçoa-se ao sol.

Queres saber o valor de um minuto?

Contém, durante êsse tempo, a respiração e logo sentirás a ânsia da asfixia.

Tempo é vida.

Tens uma tarefa? Cumpre-a. Quem adia um dever deixa de ser exato.

Coelho Neto

34. O bom estudante

O bom estudante levanta-se cedo, tanto no verão como no inverno. Deita-se também cedo, mas depois de ter preparado as lições do dia seguinte.

Não perde tempo em inutilidades. Todos os dias estuda cêrca de quatro horas.

De manhã, antes de sair para o colégio, repassa suas lições.

Tem os cadernos limpos, sem borões nem rasuras. Cuida muito dos livros, trazendo-os sempre encapados em papel grosso.

Só falta às aulas por motivo muito sério e chega sempre à hora.

Respeita os seus professores e estima os condiscípulos.

E' delicado e condescendente para com todos. Está sempre pronto a prestar serviços, seja a quem for.

Nunca usa de expressões impróprias de pessoas bem educadas.

Tem muito amor a seus pais; sacrifica-se, se for necessário, para lhes poupar dissabores.

Pensa muitas vezes no melhor meio de vir a ser um cidadão util a si, à sua família, à Pátria e á humanidade.

35. Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves que aquí gorgeiam,
Não gorgeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sòzinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras;
Onde canta o sabiá.

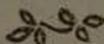
Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar, sòzinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que volte para lá;

Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá ;
Sem que inda aviste as palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Antônio Gonçalves Dias



36. O TRONCO

O **pescoço** liga a cabeça ao **tronco**.

A parte interna do pescoço é a **garganta**, e o vulgo também chama à garganta **guélas** e **gorgomilos**.

A parte de trás da cabeça é a **nuca**.

O sulco ou cavidade da nuca chama-se vulgarmente **cova** ou **covinha do ladrão**.

O **tronco** é a parte mais grossa do corpo.

O tronco abrange o **ventre**, o **peito** e as **costas**.

Na formação do peito e das costas entram as **costelas**.

Dentro do tronco ficam os **pulmões**, o **estômago**, o **fígado**, o **baço**, a **bexiga**, os **rins** e os **intestinos**. Os intestinos chamam-se vulgarmente **tripas**.

A meio das costas passa a **espinha**, chamada também **coluna vertebral**.

A **espinha** é feita de **vértebras**.

Cada nó da **espinha** corresponde a uma **vértebra**.

As **vértebras** são furadas. Cada **vértebra** lembra um **anel**. A **vértebra** é de **osso**.

Trindade Coelho

37. A atitude erecta

A atitude natural do homem é de cabeça er-
guida e sem curvatura dorsal; esta curvatura é
prejudicial à respiração e à circulação por com-
primir os órgãos delas encarregados, dificultando
os seus movimentos; demais, a posição alçada e
de tronco erecto, é um dos caracteres de nobreza
do homem, que só se dobra quando vexado por
uma falta ou por efeito de um condenavel ser-
vilismo.

Deve haver, pois, todo o cuidado em obrigar
as crianças a guardarem a posição normal, pois é
sabido que os ossos tenros são facilmente flexi-
veis e podem, por hábito da atitude viciosa, ad-
quirir deformidades que se tornam permanentes
e incuráveis após a completa ossificação do
esqueleto.

Os exercícios de ginástica sueca, intelligen-
temente executados e especializados para corri-
gir determinados defeitos físicos, conseguem, para
estes casos, efeitos surpreendentes.

Um professor consciencioso dizia ao aluno a
quem via de cabeça baixa e de espinha recur-
vada: «Ergue-te para que sejas homem! O mun-
do é dos que olham tudo de frente».

José Rangel

38. A grandeza do Brasil

O Brasil é um dos países maiores do mundo.

E' quasi do tamanho da Europa.

E' quinze vezes maior do que a Alemanha; é tambem quinze vezes maior do que a França.

E' vinte e sete vezes maior do que a Inglaterra.

E' trinta vezes mais extenso do que a Itália.

E' noventa vezes mais extenso do que Portugal.

E' quasi trezentas vezes maior do que a Bélgica.

E as terras do Brasil teem a vantagem de ser todas aproveitaveis, porque entre nós não há desertos nem geleiras nem regiões onde o homem não possa viver.

No Brasil poderia habitar comodamente toda a população atual da Terra.

39. A Pátria

Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste!
Criança! não verás nenhum país como êste!

Olha que céu! que mar! que rios! que floresta!
A Natureza, aquí, perpetuamente em festa.

E' um seio de mãe a transbordar carinhos.
Vê que vida há no chão! vê que vida há nos ninhos,

Que se balançam no ar, entre os ramos inquietos!
Vê que luz, que calor, que multidão de insetos!

Vê que grande extensão de matas, onde impera,
Fecunda e luminosa, a eterna primavera!

Boa terra! jamais negou a quem trabalha
O pão que mata a fome, o feto que agasalha.

Quem com o seu suor a fecunda e humedece,
Vê pago o seu esforço, e é feliz, e enriquece!

Criança! não verás país nenhum como êste:
Imita na grandeza a terra em que nasceste!

Olavo Bilac

40. O cão fiel

Um negociante tinha um cão muito vigilante e fiel.

Certa vez, voltava o negociante a cavalo duma feira, onde tinha recebido muito dinheiro. Trazia o dinheiro numa maleta segura por correias à sela. O cão corria ao lado dêle.

A pouco e pouco, deslaçaram-se as correias que seguravam a maleta e esta caiu ao chão, sem que o negociante desse por tal.

O cão, todavia, notou o caso e começou a ganir.

O negociante seguiu seu caminho, sem se voltar para trás.

Como o cão fôsse ganindo e ladrando cada vez mais alto, o dono bateu-lhe com o chicote. Mas o fiel animal não se calou. Saltou ao cavalo, mordeu-o nos pés, para que não pudesse andar mais. E, com a agitação, cobria-se-lhe o focinho de espuma.

O dono pensou que o cão estava danado, deu-lhe um tiro de pistola e seguiu o seu caminho.

Depois de ter percorrido mais uma parte da estrada, fez um movimento casual e deu pela falta da maleta.

Voltou sem demora e viu espalhado pelo caminho o sangue do seu cão. Finalmente chegou aonde tinha caído a maleta.

Jazia ali o fiel animal ao pé da maleta: agitou a cauda, lambeu as mãos do dono e morreu.

(*Extr.*)

41. O campo inculto

O honrado Luciano ordenou a seu filho Justino que fôsse lavrar um campo todo coberto de abrolhos e espinheiros.

À vista do trabalho, que lhe pareceu longo e penoso, Justino, perdendo a esperança de vir ao cabo, não teve ânimo de empreendê-lo e, deitando-se à sombra de uma árvore, adormeceu.

Não trabalhou nada naquele dia nem nos dias seguintes.

Vindo depois o pai examinar o que seu filho teria já feito, achou que nem sequer dera princípio à obra.

40. O cão fiel

Um negociante tinha um cão muito vigilante e fiel.

Certa vez, voltava o negociante a cavalo dum feira, onde tinha recebido muito dinheiro. Trazia o dinheiro numa maleta segura por correias à sela. O cão corria ao lado dêle.

A pouco e pouco, deslaçaram-se as correias que seguravam a maleta e esta caiu ao chão, sem que o negociante desse por tal.

O cão, todavia, notou o caso e começou a ganir.

O negociante seguiu seu caminho, sem se voltar para trás.

Como o cão fôsse ganindo e ladrando cada vez mais alto, o dono bateu-lhe com o chicote. Mas o fiel animal não se calou. Saltou ao cavalo, mordeu-o nos pés, para que não pudesse andar mais. E, com a agitação, cobria-se-lhe o focinho de espuma.

O dono pensou que o cão estava danado, deu-lhe um tiro de pistola e seguiu o seu caminho.

Depois de ter percorrido mais uma parte da estrada, fez um movimento casual e deu pela falta da maleta.

Voltou sem demora e viu espalhado pelo caminho o sangue do seu cão. Finalmente chegou aonde tinha caído a maleta.

Jazia ali o fiel animal ao pé da maleta: agitou a cauda, lambeu as mãos do dono e morreu.

(*Extr.*)

41. O campo inculto

O honrado Luciano ordenou a seu filho Justino que fôsse lavrar um campo todo coberto de abrolhos e espinheiros.

À vista do trabalho, que lhe pareceu longo e penoso, Justino, perdendo a esperança de vir ao cabo, não teve ânimo de empreendê-lo e, deitando-se à sombra de uma árvore, adormeceu.

Não trabalhou nada naquele dia nem nos dias seguintes.

Vindo depois o pai examinar o que seu filho teria já feito, achou que nem sequer dera princípio à obra.

Em vez de se enfadar, o bom pai falou-lhe com brandura e disse-lhe para animá-lo:

— Meu filho, não quero exigir de ti coisas impossíveis e um trabalho superior às tuas fôrças. Roteia hoje só êste pedaço de terreno.

E designou-lhe pouco mais ou menos a vigésima parte do campo.

— Oh! se é sómente êste pedaço, facilmente poderei lavrá-lo hoje, — disse Justino.

— Pois bem, — continuou o pai, — fazes outro tanto cada dia e êste trabalho que te parece tão longo e difficil, tornar-se-á desta maneira suave e facil.

Justino seguiu êste conselho. Naquelle dia roteou o terreno que lhe fôra designado pelo pai, fez outro tanto nos dias seguintes, e, antes de decorrido um mês, todo o campo estava lavrado. Êste campo, que até ali não produzia senão abroghos e plantas agrestes, não tardou a cobrir-se de ricas searas.

Esta história nos ensina o modo como devemos corrigir os nossos defeitos, combatendo-os e extirpando-os successivamente um após outro.

Joaquim Maria de Lacerda

42. Provérbios

A'gua mole em pedra dura tanto dá até que fura.

Barco parado não ganha frete.

Come para viver, não vivas para comer.

De pequenino se torce o pepino.

Em terra de cegos quem tem um olho é rei.

Faze bem, não olhes a quem.

Guarda que comer, não guardes que fazer.

Honra e proveito não cabem num saco.

Ir buscar lã e sair tosquiado.

Já que a água não vai ao moinho, vá o moinho à água.

Louvor em boca própria é vitupério.

Muito riso, pouco siso.

Nem tudo o que luz é ouro.

O seguro morreu de velho.

Pelas obras e não pelo vestido, é o homem conhecido.

Quem quer vai, quem não quer manda.

Rico é quem é pobre em desejos.

Sempre o alheio suspira por seu dono.
Tarde dar e negar estão a par.
Uma andorinha não faz verão.
Vão-se os anéis, mas fiquem os dedos.

48. O poder do exemplo

I

Benedito era muito velhinho : tinha já completado oitenta anos de idade.

Na mocidade, e mesmo durante grande parte de sua velhice honrada, ninguém tinha trabalhado mais do que êle.

Quando já não pôde ocupar-se em nenhum serviço, Benedito foi morar em companhia de seu filho mais velho.

Com o pobre velhinho, todo acurvado ao pêso de tantos anos, todo trêmulo, era necessário ter muitos cuidados.

A' mesa, por ocasião das refeições, tremiam-lhe tanto as mãos que muitas vezes derramava a sopa na toalha e deixava cair os copos e os pratos, que se despedaçavam no chão.

O filho e a mulher, — pois o filho mais velho de Benedito era casado, — ra-

lhavam sempre com o velhinho e mostravam-se cada vez mais aborrecidos com os prejuízos que iam tendo.

Por fim, resolveram servir a comida ao velho numa cuia e faziam-no sentar-se no chão, ao pé da mesa, para tomar a sopa na feia vasilha.

Luizinho, o netinho, viu que o avô já não se sentava à mesa, e ficou triste.

Dias depois, os pais viram-no brincando com um pedaço de táboa, muito entredido, a cortá-lo com uma faca.

A mãe perguntou-lhe:

— Que estás fazendo, meu filho?

— Estou fazendo um prato para dar de comer a papai e mamãe, quando eu for grande, e mamãe e papai ficarem tão velhinhos como vovô.

Ouvindo as palavras da criança, os pais compreenderam quanto eram ingratos com o velhinho; e, arrependidos, fizeram-no sentar-se à mesa, no seu antigo lugar.

Daí por diante, o filho de Benedito e a mulher trataram-no com o respeito, o amor e o desvêlo que os filhos devem aos pais.

II

Outro caso semelhante sucedeu com um velhinho que, morando com um filho casado, era tratado de modo tão duro que pediu que o levassem ao hospital.

O filho ingrato recebeu com alegria o pedido do velho, que foi logo levado para o hospital. Como esta casa de caridade fôsse muito pobre, resolveu-se o velho a pedir a seu filho que mandasse dois lençóis para cobrir a palha que lhe servia de leito.

O mau filho escolheu os lençóis mais rotos que tinha em casa e disse a um seu filhinho de oito anos que os fôsse levar ao avô. Mas notou que a criança, ao sair, tinha escondido um dos lençóis a um canto, atrás da porta.

Quando o menino voltou, perguntou-lhe o que o pai que fizera aquilo.

— Foi, — respondeu desabridamente a criança, — para me servir mais tarde deste lençol, quando pela minha vez te mandar para o hospital.

O pai do menino entendeu então o feio ato de ingratidão que tinha cometido e, trazendo seu velho pai para casa, tratou-o daí em diante com muito amor e paciência.

44. Um anjinho enfermeiro

Está melhor, — dizia o dr. Silva à sua doente dona Laura, — está... Agora o que é preciso é tomar alguns raios dêste belo sol... Verá como fica forte.

Pedrinho ouvira a recomendação que o médico fizera a sua mãe.

Pedrinho era uma interessante criança de três anos de idade, filho de dona Laura.

Logo que o médico saíu, êle foi à cozinha, agarrou um boião bem limpo e correu ao quintal.

O tempo estava esplêndido.

Pedrinho colocou o boião de modo que os raios do sol caíssem dentro.

Esperou um pouco, e depois, tapando cuidadosamente o boião com a fralda da camisinha, foi correndo levá-la a sua mãe.

— Toma, toma, minha mamãezinha, — diz êle, — o doutor mandou... Não tem mau gosto, não... E' para ficar boa, prova um bocadinho... E' o sol.

D. Laura, enternecida, abraçou o pequenino, e por entre lágrimas e sorrisos lhe disse:

— Bem vê, filhinho, que não podemos guardar o sol... O boião está vazio, nada tem... Mas, filho de minh'alma, melhores que os raios do sol foram para mim êsses raios do teu amor. Como sou feliz!

Meneses Vieira

45. Hino ao Brasil

Quem nasceu sob êste céu
Tão puro, meigo e gentil,
Tem orgulho de dizer :
— Eu sou filho do Brasil.

Côro

Eia avante, mocidade!
Entoemos cantos mil,
Somos todos brasileiros,
Somos filhos do Brasil.

Não seremos como ovelhas
Recolhidas num redil,
Somos livres, somos fortes,
Somos filhos do Brasil.

Côro

Eia avante, mocidade! etc.

Nossa Pátria é rica e grande,
E' formosa e senhoril,
Trabalhemos por erguê-la,
Somos filhos do Brasil.

Côro

Eia avante, mocidade! etc.

Das escolas nasce a luz
E o batalhão infantil
E' tambem guarda avançada
Na defesa do Brasil.

Côro

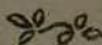
Eia avante, mocidade! etc.

Nas campinas verdejantes,
Das montanhas no alcantil,
Vibra um canto de esperança,
Um viva intenso ao Brasil.

Côro

Somos livres, não curvemos
A cabeça ao jugo vil,
Na guerra a vida sem pena
Daremos pelo Brasil!

Thomaz Galhardo



46. O descobrimento do Brasil

X No dia 22 de abril do ano de 1500, Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil.

Cabral era um almirante português, que navegava para a Índia com uma esquadra de treze navios.

A primeira terra que Cabral avistou foi um monte arredondado, a que deu o nome de **Monte Pascoal**, por ter sido visto na quarta-feira depois da festa da Páscoa. Este monte fica ao sul do Estado da Baía.

Cabral aproximou-se da costa e procurou um pôrto onde a frota se pudesse abrigar.

Ancorou numa enseada, a que deu o nome de Pôrto Seguro, e que é provavelmente a enseada que hoje se chama **Santa Cruz** e também **Baía Cabralia**.

Num ilhéu que havia dentro do pôrto, foi celebrada a 26 de abril uma missa.

Outra missa foi celebrada no dia 1º de maio em terra firme, com muita pompa e em presença dos índios, que, em grande número, espantados, assistiram às cerimônias.

Esta missa foi cantada ao pé de uma grande cruz de madeira, que, com a ajuda dos índios, os portugueses ergueram.

Esta cena deu assunto para o famoso quadro «A Primeira Missa do Brasil», de que é autor o catarinense Vítor Meireles.

A terra, que os descobridores supuseram ser uma grande ilha, foi chamada **Vera Cruz**. Este nome foi mudado depois para o de **Terra de Santa Cruz**, mas prevaleceu o nome de **Brasil**, devido a uma madeira côr de brasa, que nos primeiros tempos era levada daqui em grande quantidade para a Europa.

A 2 de maio, Cabral, deixando em terra dois degredados, continuou sua viagem para a Índia. Em carta escrita por Pero Vaz de Caminha, que era o escrivão da armada, mandou ao rei de Portugal notícia do feliz e rico achado.

Festeja-se a 3 de maio o descobrimento, provavelmente porque os primeiros colonos supuseram que o Brasil, chamado a princípio **Ilha de Vera Cruz**, tinha sido descoberto no dia de **Vera Cruz**, que cai a 3 de maio.

Mais tarde, em vista da carta de Pero Vaz de Caminha, ficou provado que o descobrimento se dera a 22 de abril, mas a comemoração do fato continuou a fazer-se a 3 de maio.

47. **As pernas e os pés**

As **pernas** são chamadas **membros inferiores**, em oposição aos braços, que tem o nome de membros superiores.

A **perna** está presa ao tronco pelo **quadril**.

Do quadril até ao **joelho**, chama-se **coxa**; do joelho até ao **tornozelo** ou **artelho**, chama-se **perna** propriamente dita. Do tornozelo até à extremidade dos dedos, é o **pé**.

A coxa é formada de um só osso, o **fêmur**, que é o maior osso do corpo humano.

A perna é constituída por dois ossos: a **tíbia** e o **peróneo**.

O osso pequeno e arredondado que fica na parte dianteira joelho chama-se **rótula**.

Cada pé tem 5 **dedos**, e cada dedo tem sua **unha**.

A parte inferior do pé chama-se **planta do pé**. A parte superior, **peito do pé** ou **tarso**.

48. O castigo da indolência

Um lavrador ia um dia viajando por uma estrada, acompanhado do filho que, ainda criança, o estava sempre a interpelar, perguntando-lhe mil futilidades. Em dado momento, o homem, parando de repente, disse ao menino:

— Farias muito melhor se, em vez de estares aí a falar, apanhasses aquela ferradura, pois é um objeto que, conservado como parece estar, pode ainda ser vendido e render alguma coisa.

— Qual, meu pai! Não vale a pena atravessar a estrada por causa daquilo, que não paga nem mesmo o trabalho de uma pessoa se abaixar para o apanhar.

O homem, sem dizer coisa alguma, foi buscar o objeto que tinha mostrado ao filho e guardou-o.

Mais adiante, vendeu-o a um ferrador, comprando com o dinheiro uma boa porção de cerejas.

O sol estava abrasador. O caminho, agora ermo e descampado, não oferecia abrigo de espécie alguma.

O menino um tanto cansado, começava

a sentir os efeitos do calor, e difficilmente podia suportar a sêde, que o estava martirizando.

O pai deixou então cair uma cereja, que o menino tratou logo de apanhar, para refrescar a garganta e mitigar a sêde. E tantas e tantas foram depois caindo quantas êle foi sofregamente apanhando, até se acabarem de todo.

— Aí tens, — disse-lhe então o pai, — tu não te quizeste abaixar uma vez, para apanhar a ferradura, e no entanto te abaixaste muitas e muitas vezes para apanhar, não deixando perder uma só, as cerejas que valiam menos do que aquele pedaço de ferro.

(*Extr.*)

49. Q seu a seu dono

I

Uma vez ia Tomaz para a escola e encontrou no caminho um bonito canivete de madreperola.

A primeira idéia do menino foi aposar-se de objeto, pois se julgava com êste direito, visto tê-lo achado.

Entretanto, uma voz do interior lhe dizia: «Cometerás um roubo e serás um criminoso».

Tomaz ouviu esta voz amiga e decidiu-se a restituir o canivete a seu dono.

— Mas, quem será o dono? — interrogava Tomaz a si mesmo. — Como poderei encontrá-lo? como se chama?

II

Pela segunda vez estava o menino tentado a guardar o canivete, e dizia:

— Como é bonito! Eu bem precisava de um canivete assim. Deve ser muito bom, deve cortar perfeitamente. Esta chapinha deve ser de prata...

Nisto observa que há um nome gravado na chapinha, e exclamou:

— Há de ser o nome do dono!

E Tomaz pôde ler: — José Bonifácio.

III

O sr. José Bonifácio morava ali perto e era um velho amigo do pai de Tomaz.

O menino cumpriu o seu dever, indo restituir um objeto que não lhe pertencia.

O dono ficou por isso muito contente e recompensou a boa ação de Tomaz, dando-lhe um canivete novo e ainda mais bonito.

Hilário Ribeiro

50. Não fica bem...

... assobiar na rua, nos carros, em reuniões públicas, em fim em todos os lugares onde isso possa incomodar.

... rir com estrondo. Faz gosto outro rir naturalmente; não assim, porém, ouvir gargalhadas estridentes, que irritam os nervos e são impróprias de pessoas educadas.

... sorrir ou fazer trejeitos a propósito de qualquer coisa. O sorriso ou riso devem vir em ocasião apropriada, pois rir constantemente e sem motivo é sinal de pouco siso.

... deixar descaír o lábio inferior e conservar a boca aberta. O nariz é que deve respirar e não a boca. E' indício de fraqueza de carater e até nocivo para os dentes e para o estado geral o mau hábito da boca aberta.

(Adaptado)

51. **Atenção para com os pais**

Não basta amarmos pai e mãe dentro em nosso coração; é necessário aproveitar todas as ocasiões de mostrar e dar provas dêsse amor.

Nunca devemos ir contra sua vontade: nesta nossa atenção para com os nossos pais, está a sua felicidade e a nossa.

Porque, embora às vezes nos custe reprimir os nossos ímpetos, ou contrafazer o nosso gôsto, abençoado sacrifício êsse, que nos poupa, quasi sempre, longos arrependimentos.

Nunca nos devemos irar, seja contra quem for, porque a ira turva a razão, como a embriaguez; más contra os nossos pais, basta uma palavra, um gesto de impaciência, para ser um crime.

Alguns desculpam-se, dizendo que, apesar dêsses repentês, não deixam de amar e respeitar seus pais.

Fraço amor e respeito o que se mostra em desatenções e ofensas!

O trato das pessoas depende do agrado; e até com os de fora se deve ser atencioso e afaivel, mas com as pessoas de casa é uma necessidade ser dócil, agradável, condescendente, principalmente com pai e mãe.

Por mais impertinentes que a idade ou a doença os torne, nunca em sua presença levantemos a voz, nunca nos impacientemos com quem teve a paciência de nos criar!

João de Deus

52. Utilidade da chuva

Enquanto a chuva caía
Batendo contra a janela,
À pequenina Arabela
A linda mamã dizia :

— Esta chuva pertinaz,
Tão grossa, incômoda e espessa,
Talvez a ti te pareça
Que só prejuízos traz.

De fato, às vezes, atrasa
De uma forma impertinente
O serviço dessa gente
Que vive fora de casa.

Tu mesma estás a chorar,
Cheia de raiva e de queixa,
Porque a chuva não te deixa
Ir à rua passear.

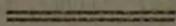
Como a viva claridade
Do Sol ardente, que brilha,
Esta chuva, minha filha,
Tem a mesma utilidade.

Às plantas, que, de calor,
Estão murchando, infelizes,
Ela dá pelas raízes
Vida, frescura e vigor.

Chove há três dias, por isso
Até onde o olhar se perde,
O campo todo está verde,
E as plantas cheias de viço.

Tanto à chuva, que jorrou,
Como ao Sol, que os campos doura,
A tudo a Mão creadora
Docemente abençoou.

Francisca Júlia e Júlio da Silva



53. O cravo da ferradura

Um negociante tinha feito muito bom negócio numa feira; vendera todas as suas mercadorias e enchera de ouro e prata os sacos de dinheiro.

Dispôs-se então para partir, a fim de chegar a casa antes de anoitecer.

Pôs os alforjes com o dinheiro em cima do cavalo e cavalgou.

Ao meio dia descansou numa cidade. Quando quis seguir caminho, o criado da estalagem trouxe-lhe o cavalo, mas disse-lhe :

— Meu amo, falta um cravo na ferradura da pata traseira esquerda.

— Que importa que falte ! — replicou o negociante. Nas seis horas de caminho que ainda tenho de andar, não se despregará a ferradura. Tenho pressa.

À tarde, noutro sítio, onde parou para

dar de comer ao cavallo, veio outro rapaz ter com êle e disse-lhe :

— Meu amo, ao cavallo falta a ferradura da pata traseira esquerda. Quer que o leve ao ferrador ?

— Que me importa que falte ! — replicou o homem. Nas duas horas de caminho que ainda tenho de andar, o cavallo poderá aguentar. Tenho pressa.

Cavalgou para diante ; mas pouco tinha caminhado, quando o cavallo começou a coxear e não coxeou muito tempo, porque caiu e quebrou uma perna.

O negociante teve de deixar o cavallo no meio do caminho, tomar os alforçes, levá-los às costas e ir para casa a pé e chegou lá só quando a noite ia adiantada.

— O cravo encantado, — disse êle consigo, — foi a causa de toda esta desgraça.

(*Extr.*)

54. O criado mentiroso

Certo lavrador tinha um criado que mentia por gôsto.

Iam os dois uma vez a cavallo e disse o criado:

— Lá na minha terra vi, um dia, uma raposa ainda maior que a ponte de sete arcos que atravessa o rio.

— Bem andaste falando em pontes, — disse o amo, — pois quero dar-te um aviso. Uma vamos, daqui a pouco, atravessar, que tem um condão especial.

— Qual é? — perguntou o criado.

— Abre-se no meio, quando por ela passa quem, nesse dia, haja pregado alguma peta.

O criado enfiou, e, dalí a bocadinho, disse ao amo:

— Tamanha como a ponte não seria a raposa, mas era assim como um boi muito grande.

O amo não respondeu, e o criado, que ia cavalgando atrás dêle, coçava a orelha, muito atrapalhado.

— E daí talvez não chegasse ao tama-

nho dum boi: como um cavallo é que ella era, ou como um burro.

Já se avista a ponte. O moço pôs-se a tremer. Se ella se abrisse debaixo dos pés, a queda era certamente mortal. Foi então dizendo :

— Era como um burro, era assim como um burro pequenino, acabado de nascer, pouco maior que um cão.

A ponte era altíssima. O pobre criado, já a voz se lhe sumia toda, acrescentou :

— A verdade, pura verdade, é que a raposa era como todas as raposas.

Já o amo ia na ponte. Olhou para trás e viu o criado, que parara à entrada.

— Então? — perguntou-lhe. — O cavallo tem medo?

— Não, senhor, — respondeu-lhe o moço. Sou eu que não me atrevo...

— Então, porque?

— E' que eu, patrão, nunca vi raposa nenhuma.

E, persuadido em fim de que já não lhe aconteceria mal, meteu esporas ao cavallo e seguiu o lavrador, que ria às gargalhadas.

(*Extr.*)

55. O mentiroso

Podia jurar! riam dêle. Mentia tanto, que ninguem dava crédito ao que dizia. Às vezes queixava-se de moléstias, e, longe de o tratarem carinhosamente, repreendiam-no, ameaçavam-no, quando não lhe dobravam os exercícios de escrita; e, pobrezinho! muitas e muitas noites, ardendo em febre, debruçado à carteira, copiava compridas descrições — e tudo porque mentia. Os mesmos companheiros repeliam-no, quando êle aparecia contando um fato:

— Ora, sai daqui, mentiroso! Pensas então, que somos tolos?

Uma manhã desceu ao rio em companhia de outro. Chovera abundantemente dias antes, e o rio, assoberbado, transbordara.

Os dois meninos hesitaram algum tempo antes de tirar as roupas; o mais velho, porém, nadador intrépido, acoroçoou André, o mentiroso:

— Vamos. a correnteza, é insignificante e não precisamos ir para o meio do rio. Vamos!

Animado, André atirou-se ao rio; a correnteza, porém, começou a arrastá-lo, de sorte que, quando êle quis tomar pé, a água cobriu-lhe a cabeça.

O outro boiava, cantarolando :

De repente ouviu um grito angustiado :

— Ai !

Voltou-se, e, não vendo André, teve um sobressalto : logo, porém, considerando, sorriu :

— Pois sim ! Pensas que me enganas !

E continuou a nadar tranquilamente. Mas André não aparecia ; o menino ganhou a margem, lançou os olhos para os cantos, desconfiado de que o companheiro se houvesse escondido em alguma mouta para assustá-lo ; vendo, porém, que não aparecia, correu aterrado para o colégio, levando a tristíssima notícia.

Desceram criados, e, atirando-se ao rio, procuraram o pequeno que as águas haviam arrebatado. E o companheiro, em pranto, repetia, com sentimento :

— Eu bem ouvi o seu grito, bem ouvi, mas êle mentia tanto . . .

Dias depois, appareceu coberto de hervas, horrivelmente deformado, o cadaver do pequeno André ; e o companheiro, vendo-o, soluçou ainda :

— Coitado ! Mas foi por culpa dêle. Mentia tanto !

Coelho Neto

56. Fica mal...

... interromper uma pessoa que está contando qualquer anedota ou história.

... questionar com as pessoas. Quando se conversa, é até interessante o vai-vem contínuo de réplicas, mas nunca devemos cair em discussões muito acaloradas.

... quando contamos algum caso, pormenorizar todas as minúcias e fazer pausas a cada palavra; devemos ser claros e prontos na exposição, de forma que cheguemos ao fim o mais depressa possível.

... falar de um único assunto, ou sobre coisas que não interessam aos outros.

... fazer trocadilhos de mau gosto ou muito puerís. Um bom trocadilho ameniza a conversação, mas um chorrilho dêles redundante em estopada.

... falar mais alto do que os outros, ou tentar monopolizar a conversa.

... fazer espirito à custa dos outros, ou ridicularizar alguém.

... ouvir com indiferença ou impaciência o que os outros dizem. Devemos ouvir delicadamente toda a gente; é este um sinal de boa educação, que é necessário cultivar.

(Adaptado)

57. OS BRAÇOS

De cada ombro sai um braço, que está ligado ao tronco por dois ossos: a **omoplata** na parte posterior e a **clavícula** na parte anterior. Cada braço compõe-se de três partes: **braço** propriamente dito, **antebraço** e **mão**. O braço propriamente dito, que começa no ombro e acaba no cotovelo, tem um só osso, chamado **úmero**; o antebraço, que começa no cotovelo e acaba no punho, tem dois ossos reunidos nas extremidades e chamados **cúbito** e **rádio**. A mão tem duas faces: a **palma da mão** e as **costas da mão**; compreende cinco dedos chamados: **polegar**, **índice**, **médio**, **anular** e **mínimo**. As extremidades dos dedos estão defendidas e fortificadas pelas **unhas**.

O homem nasce despido; mas com a indústria de suas mãos faz tecidos, sapatos e vestidos melhores que os que cobrem os animais. O homem não tem unhas aguçadas como o gato e o tigre; não tem dentes fortes como cão e o lobo; mas com suas mãos fabrica espadas, espingar-

das e outras armas muito mais terríveis que as garras dos animais ferozes e o veneno das serpentes. Com as mãos levanta castelos e fortalezas para defender-se de seus inimigos; constrói embarcações para atravessar os rios e os mares; ergue palácios para morar, e templos para render culto a Deus; faz a terra produzir toda a sorte de frutos para seu alimento, e a aformoseia com deliciosos jardins para encanto dos olhos. Os dedos tem tal flexibilidade e ligeireza, que correm com admiravel destreza sôbre o teclado de um piano, sôbre as cordas de uma harpa ou rabeca, ou os buracos de uma flauta. A mão pinta; dá diversas formas aos materiais, imitando as figuras das coisas; escreve e estampa no papel, nos mármores e metais o pensamento rápido e fugaz do homem. E' mister, porém, que a mão seja guiada pelo entendimento e que se arme de diferentes instrumentos, e dessa sorte torna ela o homem incomparavelmente superior a todos os animais.

Joaquim Maria de Lacerda

58. Dos braços

— *Que tendes para ensinar-me a respeito dos braços?*

— Lembrar-te-ei sòmente que não é permitido agitá-los demais, quando se anda, nem estendê-los sòbre a mesa, ou apoiar nela os cotovelos, quando se escuta ou se fala; nem usar dos mesmos cotovelos como armas para abrir caminho por entre um grupo de pessoas. Tudo isto é contrário aos bons modos e à urbanidade.

— *Como devemos trazer as mãos?*

— Devemos ter cuidado de trazê-las sempre na maior limpeza, lavando as bem pela manhã e todas as vezes que tocamos em objetos que podem sujá-las; e, depois de lavadas, não enxugá-las na roupa, ou em outras coisas que para isso não são destinadas.

— *Deve-se apertar a mão a todos?*

— Não; apresentar a mão a um superior é censuravel adiantamento; só se êle quer primeiro dar-nos êste sinal de bondade; então, sim, devemos apresentar-lhe a mão, inclinando-nos em sinal de reverência e gratidão. Em geral, como o aperto de mão é sinal de afeição familiar, só o devemos dar às pessoas amigas.

D. Antônio de Macedo Costa

59. Amor fraternal

A harmonia dos filhos é a alegria dos pais.

Essa harmonia depende do mais forte ser condescendente e meigo com o mais fraco, e não abusar também o mais fraco da condescendência do mais forte.

A desordem entre irmãos é um descrédito; pois quem não é capaz de viver em harmonia com os seus, que fará com estranhos?

Mas há uma obrigação especial para os mais velhos, que é darem sempre bom conselho e bom exemplo aos mais moços; repreendendo-os, se necessário for, mas com moderação, principalmente às meninas; porque a mulher é de sua natureza mais mimosa, o seu destino mais delicado, por isso também o seu coração mais sensível.

Irmãs e irmãos devem entre si rivalizar em provas de amizade e estima. Não há escândalo maior do que uma família em guerra; e desgraçados os pais, a quem os filhos roubam a paz doméstica, último refúgio do coração no meio das amarguras da vida.

João de Deus

60. ● ninho ●

Num belo sapatizeiro,
Um galante passarinho,
Trabalhando o dia inteiro,
Tecera o seu lindo ninho.

Depois... trinou mavioso,
Adejando brandamente;
E penetrou, venturoso,
Naquele lar inocente.

Esperei... O passarinho
Conservou-se sossegado :
Subi então de mansinho...
Mas... voou sobressaltado !

Partira!... O ninho ficava :
Fui buscá-lo, com destreza ;
E, quando me aproximava,
Já tendo bem perto a presa,

Papai em baixo, acenando,
Deteve, a tempo, o meu braço ;
E que eu descesse, ordenando,
Não me deixou dar um passo :...

Regressei... Êle abraçou-me,
Compassivo, enternecido,
E meigamente falou-me:
— « Que crime, filho querido!

« Não toques naquele galho;
« Não bulas no belo ninho,
« Que vai ser terno agasalho
« Aos filhos do passarinho.

« Respeita o casto segrêdo,
« Aquele amor tão discreto,
« Que foi buscar no arvoredado
« Perfumes ao seu afeto...

« Os pobres animaisinhos,
« Como nós, sentem ventura
« Em cuidar de seus filhinhos,
« Com carinhosa ternura!»

E lá... no sapotizeiro,
Voltando ao ninho formoso,
Trinava um canto fagueiro
O passarinho amoroso...

Virgílio Cardoso de Oliveira

51. Guarda que comer, não
guardes que fazer

Antônio era lavrador. Um dia disse êle consigo: «Amanhã hei de começar a lavrar o meu campo; é preciso não perder tempo, porque a estação não tarda a passar e, se eu deixar de amanhar a terra, não terei trigo e por conseguinte não terei pão».

O dia de amanhã veio. Ao romper da aurora Antônio já estava de pé, aparelhando o arado para começar o trabalho. Nisso chega um seu amigo e convida-o para um almôço em família. Antônio a princípio hesitou, mas depois pensou e disse consigo: «Um dia mais, um dia menos, que mal pode fazer? e um dia de prazer perdido, êste não volta mais».

Resolveu, pois, ir almoçar com o amigo, em cuja companhia passou o resto do dia.

No dia imediato estava cansado e com pouca disposição para o trabalho; tinha comido e bebido demais na véspera e sentia-se mal do estômago e da cabeça.

«Amanhã, — pensava êle, — recuperarei o meu dia perdido de hoje».

Chegou o outro dia. Amanheceu chovendo e Antônio ficou muito contrariado por não poder sair a trabalhar.

No dia seguinte o Sol brilhava em todo o seu esplendor. Antônio sentia-se cheio de coragem para o trabalho; mas, que havia de acontecer? O cavalo do nosso Antônio por sua vez havia adoecido. Era preciso ter paciência.

Veio o domingo, dia de descanso. Ia começar outra semana, numa semana com um pouquinho de atividade se pode adiantar serviço.

Segunda-feira, porém, havia nos arredores uma feira, e Antônio lá não podia faltar. Desde pequenino tinha adquirido o costume de frequentar todas as feiras da cidade vizinha, e encontrava sempre um pretexto para lá ir.

Na terça-feira foi assistir às bodas de um parente chegado. Depois teve de ir ao entêrrão de um amigo, e, quando se decidiu a amanhar o seu campo, o tempo da sementeira havia passado. A consequência disso foi que, quando chegou o tempo da colheita, Antônio nada tinha para colher.

Aprendeí daqui, meus meninos, a não deixar para amanhã aquilo que podeis fazer hoje.

Pode muito bem suceder que amanhã estejais impossibilitados de o fazer.

Guarda que comer, não guardes que fazer.

62. Pedido justo

Gravata, 25 de janeiro de 1922.

Meu caro Euclides.

A ti e a todos os teus desejo saúde e felicidades.

Eu e minha família vamos passando sem novidade.

Certamente já tiveste notícia do triste fato que anteontem abalou a vida pacata desta povoação.

Um incêndio pavoroso, em pouco mais de uma hora, reduziu a um montão de ruínas a ferraria e casa de morada do velho Joaquim Ambrósio. O incêndio rebentou à noite e justamente em ocasião em que o velho e sua família se achavam fora, pois estavam passando a noite em casa de um parente enfêrmo.

O incêndio surpreendeu adormecidas as outras pessoas da casa, que a custo conseguiram salvar-se.

O prejuizo do pobre e honrado velho foi total.

Ele e a família ficaram unicamente com a roupa do corpo.

Uma desgraça que a todos comoveu!

O pobre homem e a família, que se compõe de dez pessoas, não ficaram ao desabrigo, porque amigos e parentes lhes ofereceram agasalho.

Mas o velho ferreiro, que é homem animoso, quer voltar a trabalhar, quer entrar como simples operário em

outra officina, porque não se conforma com a situação de viver de esmolas.

Compreendes que é duro passar de patrão a empregado, e principalmente depois que um homem chegou a idade do bom Joaquim Ambrósio.

Venho, por isso, pedir que nos auxilies nos esforços que estamos empregando no sentido de conseguir meios para oferecer ao desventurado ferreiro uma officina nova e bem montada.

Teu pai é rico e caridoso e, sendo filho desta povoação, onde também nasceste, não se negará de certo a enviar-nos algum donativo.

Ele conhece bem o sr. Joaquim Ambrósio e, sem dúvida, há de estender a mão a êsse homem digno e trabalhador que foi atingido por uma tão grande desgraça.

Espero, pois, que lhe mostres esta carta e que me dêes com brevidade uma resposta, que tenho a certeza será animadora.

Com muita estima, abraça-te
o teu amigo certo

Aquiles

63. O fabricante de cestos

Jacinto era um menino rico e orgulhoso. Confiado na riqueza, pouco se importava com estudos, só cuidava de passeios e divertimentos e zombava de Eduardo, menino pobre que, para adquirir os meios de subsistência, fabricava cestos e os vendia pelas ruas.

Sucedeu que estes dois meninos fizeram uma viagem no mesmo vapor: Jacinto ia como passageiro de primeira classe e Eduardo entre os marinheiros.

Sobrevindo grande temporal, o navio naufragou, salvando-se só os dois pequenos.

As ondas arrojaram-nos semi-mortos às praias duma ilha habitada por selvagens.

Estes rodearam-nos admirados e fizeram-nos recobrar os sentidos.

Jacinto tremia de medo ante aquella gente rude e estranha; mas Eduardo não perdeu a calma; assim que se sentiu com

fôrças, cortou ramos duma espécie de salgueiro e principiou a tecer um cesto, cuja feitura os selvagens seguiram com interêsse. Acabada a obra, ofereceu-a a um selvagem que parecia ser o maioral.

Êste deu mostras de satisfação e por meio de sinais mandou que Jacinto tecesse tambem um cesto; mas êle era tão desajeitado que, apesar das explicações do seu companheiro, nada conseguiu fazer.

Os selvagens, irritados, queriam maltratá-lo e só a custo Eduardo os apaziguou; mas eles castigaram o menino rico desta maneira: obrigaram-no a trocar as roupas finas que trazia pelas remendadas de Eduardo, de quem ficou sendo criado.

Esta pequena história nos mostra o valor do saber: as riquezas podemos perdê-las, por qualquer vicissitude da vida; só os conhecimentos, só a sabedoria são coisas estáveis, coisas que ninguem nos pode tirar.

64. Faze bem tudo o que fizeres

Um operário forjava uma barra de ferro e queria-a sólida, porque pensava nos irmãos desconhecidos que dela deviam servir-se.

O malho levantava-se e caía com fragor, e da barra de ferro cada pancada fazia saltar milhares de faíscas; porém do coração ardente do operário jorrava ainda um maior número de centelhas de amor e caridade.

Já a barra de ferro alongava-se e moldava-se sob o malho: em breve o operário teria concluído a tarefa e poderia, depois de um longo trabalho, seguir alegremente o caminho de casa. Porém êle pára, observa atentamente a barra de ferro: descobriu uma ligeira fenda.

Era tão pequenina que escaparia aos olhos de qualquer outro; mas, que importa? não escapou aos seus, e isto é bastante.

— Obra mal feita, — diz êle com os seus botões, — pode causar a morte a alguém.

Enxugando a fronte banhada de suor, toma a barra, mergulha-a novamente na fornalha da forja e recomeça o trabalho.

De novo o martelo bate e amassa o metal, a barra de ferro fica pronta; levam-na a um arquiteto e entra na armação de uma ponte.

Poucos dias depois a ponte estremece sob a marcha de um regimento.

O pêso de seiscentos homens armados faz curvar as travessas de ferro; no meio da ponte há uma que sustenta e suporta todas as outras.

Oh! se tivesse a menor fenda, estalaria, quebrar-se-ia e os seiscentos soldados cairiam no rio que corre profundo e impetuoso lá em baixo.

Não! ela resiste e resistirá, porque a barra de ferro é tão forte, tão perfeita como o coração daquele que a forjou.

O ferreiro ignorou sempre que seu escrúpulo salvára a vida a seiscentos homens.

E que o soubesse?

Tinha feito o seu dever, todo o seu dever e isto lhe bastava.

Nós todos, como o ferreiro, não podemos conhecer todas as consequências de nossas ações.

Quantas vezes, sem o saber, temos entre as mãos a vida de nossos semelhantes.

Uma falta de atenção, uma negligência pode tornar-se um crime.

Repitamos sem cessar:

„Não posso prever as inúmeras consequências desta ação; mas o que eu posso, o que devo fazer, é entregar-me a ela de corpo e alma. Que a bondade de minha alma passe às minhas obras e que todos possam reconhecer nelas o operário que as fez“.

Um discípulo de Confúcio, sábio da China, disse um dia tristemente:

— Todos têm irmãos, só eu não tenho.

— Considera todos os homens como teus irmãos, — lhe respondeu o sábio, — ama-os, trabalha para eles e ficarás consolado.

Menezes Vieira

65. O que custamos a nossos pais

I

O Inspetor

Joãozinho contava apenas 10 anos de idade. Era um bom estudante, cumpridor de todos os deveres escolares.

Tinha tanta habilidade para o cálculo que, aos nove anos, já fazia regularmente as quatro operações de aritmética e pequenos problemas.

Uma vez, indo o inspetor visitar a escola, desejou saber qual o aluno mais habil em fazer contas.

O professor, sem hesitar, indicou Joãozinho, a quem o inspetor fez a seguinte pergunta:

— Sabe quanto tem custado a seu pai?

Como era natural, Joãozinho sentiu-se embaraçado e baixou a cabeça sem dizer palavra.

II

Uma conta

— Nunca pensou em fazer esta conta, não é verdade? Entretanto ela é bem importante, meu menino. Vejamos: vestuário, alimento, lavagem de roupa, etc. Suponha o menino que tudo isto custa 500 réis por dia. Quanto vem a ser por mês?

Joãozinho fez o cálculo e respondeu.

— Quinze mil réis, sr. inspetor.

— Muito bem. E que idade tem o menino?

— Dez anos.

— Diga-me agora: quanto tem custado a seu pai até hoje?

Joãozinho, depois de fazer exatamente a sua conta, respondeu:

— Um conto e oitocentos mil réis.

— Perfeitamente, Joãozinho!

— Vejo agora que tenho custado muito dinheiro a papai! — exclamou o menino.

III

Outra conta

— Entretanto, não é tudo, — acrescentou o inspetor; — é preciso contar ainda o dinheiro que seu pai tem gasto com médicos e botica, com livros de escola e... ainda mais do que tudo isso, é preciso meter em conta os muitos cuidados que a sua mamãe tem tido, as longas noites que passou embalando o seu berço, amamentando o menino, finalmente os desvelos e inquietações que tem custado e continuará a custar a seus pais.

E estas fadigas, todos estes cuidados e desvelos devem ser calculados em dinheiro, Joãozinho?

— De certo que não, sr. inspetor!

Sendo assim, como pagará tudo isso que tem custado a seus pais?

Joãozinho refletiu um instante e disse:

— Amando-os de todo o coração, obedecendo, respeitando-os e, quando eu for homem, trabalhando para eles.

— Muito bem, muito bem, Joãozinho... E's e serás com certeza um bom filho.

Hilário Ribeiro

66. O PROFESSOR

Quando eu tinha cinco anos
Da escola nada gostava,
Como a verdugos tiranos
Os professores olhava.

Tinha medo, quando via
Aquele homem sisudo,
Que às aulas presidia
Nas longas horas do estudo.

Mas agora já compreendo
O que seja um professor:
E' como um pai — estou vendo,
Do nosso afeto credor!

Se papai nos dá o pão
Para podermos viver,
O mestre nos dá lição
Para termos o saber.

O saber é a ciência
De tudo por Deus creado:
E' luz à nossa existência,
E' um tesouro estimado!

Amemos, pois, amiguinhos,
O nosso bom professor,
Como amam os passarinhos
O Sol que nos dá calor!

Como ama a mansa ovelha
Ao bom pastor que a conduz,
A pura fonte que espelha
— O céu, as flores, a luz!

Delminda Silveira

67. Defeitos que se devem evitar na sociedade

O espirito de contradição é um grande defeito que se deve evitar com sumo cuidado. Assim só em caso de necessidade é permitido contradizer alguém, para o que se devem empregar sempre expressões polidas, tais como: *Permita-me observar-lhe que se engana, que foi mal informado*, etc.

Quando numa sociedade se ventila uma questão, não devem os mancebos emitir sua opinião sem para isso serem rogados. E, quando a opinião que se emite, é contrariada pelos outros convem abandoná-la com deferência, em vez de sustentá-la com pertinácia. Todavia é permitido expor com boas maneiras as suas razões, sem teimar.

Não se deve nunca gracejar com os superiores; com os iguais é lícito, às vezes, gracejar, sem porém nem de leve ofendê-los ou vexá-los.

São graves defeitos: falar mal dos ausentes, aborrecer os circunstantes com práticas longas e fastidiosas, falar muito de si, querer ostentar erudição, usar a ca-

da momento de palavras equívocas, fazer perguntas indiscretas, rir sem motivo e às gargalhadas, mostrar desconfiança.

O tratamento por **tu** só é dado entre pessoas de grande intimidade, entre irmãos, parentes, amigos de infância, etc.; não se devem, pois tratar por **tu** os criados e os subordinados.

E' contra a civilidade dar ou aceitar alguma coisa estendendo o braço por diante de outrem sem necessidade e sem lhe pedir desculpa. Se a pessoa com quem se fala estiver distante, pode-se pedir à que se achar mais próxima o favor de passar o objeto que se envia, ou, melhor, levantar-se e passar por detrás dos outros, salvo quando se está à mesa.

Não se deve dizer o preço do objeto que se dá de presente, nem fazê-lo valer.

Não se deve fumar em sociedade onde os mais o não fazem.

Quando se recebe dinheiro, não é bom contá-lo na presença de quem o dá, exceto no comércio. À pessoa que o entrega é que cumpre instar com a outra para que haja de o contar.

Joaquim Maria de Lacerda

68. Mães

— Mamãe, por que razão está a vizinha ali do lado a chorar tanto?

— Porque lhe morreu o filho, Berta.

— Aquele que andava muito aleijadinho? Mas eu tenho ouvido dizer a toda a gente que foi uma fortuna para ambos?

— As mães não pensam como toda a gente, minha filha.

— Mas até a Maria Emília me disse que o aleijadinho não tinha cura, e que os médicos diziam que êle havia de peorar até andar de rastos, quando fôsse homem.

— É certo; mas, apesar disso, a mãe estava satisfeita, porque o tinha ali, e assim mesmo lhe queria. E, vê tu, tão pobre que dia e noite trabalhava para o sustentar com abundância e vestir com asseio.

— Mas êle era tão feiozinho! Até nos metia medo, quando corria com as mulletas atrás de nós!

— Fealdade dos doentes, Berta. Fealdade que as mães não veem nem podem compreender.

Berta não respondeu, mas daí a pouco a mãe notou que a criança soluçava baixinho e que as lágrimas, de envergonhadas, mal se atreviam a mostrar-se.

— Por que choras, Berta?

— Mamãe, tenho vergonha! — balbuciou ela, deitando-lhe os braços ao pescoço.

— Vergonha de que?

— De ter feito troça do aleijadinho e de ter achado que a mãe era tola em chorar por êle.

— Ainda bem que te arrependes de tão feia ação.

— Oh! se a mamãe deixasse!...

— O que fazias?

— Ia levar à vizinha o meu vestido de seda branco que o avô me deu pelos anos.

— Para que o queria a vizinha?

— Para fazer a mortalha do aleijadinho. Talvez que êle me perdoasse as maldades, coitado !

— E não te arreponderás nunca disso que queres fazer ?

— Nunca !

— Nem quando vires as outras meninas mais bem vestidas do que tu ?

— Não, não ! Porque tenho a certeza que valerei mais do que valho hoje, tendo feito êste presente ao pobrezinho.

— Vai então levar-lho, Berta. Mas, antes, dá-me cá muitos beijos. Amo-te hoje mais do que nunca !

Berta foi a correr, mas, chegando à porta, voltou atrás e perguntou ainda:

— Tambem lhe posso levar flores do jardim ?

— As que quizeres, minha filha !

Ana de Castro Osório

69. O talismã

Dois habitantes da mesma cidade exerciam nela a mesma indústria, mas com resultados bem diversos: um enriquecia-se e o outro arruinava-se, o que não era de espantar, pois que o primeiro zelava os seus negócios com uma atividade infatigável, enquanto que o segundo, entregue inteiramente aos seus prazeres, encarregava os estranhos da direção da casa.

— Explica-me, — disse um dia este último ao seu colega, — qual a razão por que a sorte nos trata de modo tão diverso? Vendemos iguais mercadorias, a minha loja está situada como a tua, e, apesar disso, enquanto ganhas, eu não faço mais que perder. E não é porque eu seja estroina; não bebo nem jogo. Chego a pensar algumas vezes se não terás por acaso algum feitiço ou talismã.

— Efetivamente, — respondeu o outro, — herdei de meu pai um talismã de uma virtude incomparável. Trago-o ao pescoço, e ando assim com êle todo o dia, por toda a casa, do celeiro à adega e da adega ao celeiro. E o caso é que me corre tudo às mil maravilhas.

— Olé, meu querido colega, empresta-me, pelo amor de Deus, esta relíquia milagrosa!

— Pois vem buscá-la amanhã de manhã.

Quando ao outro dia foi procurar o seu generoso concorrente, apresentou-lhe êste uma velã, através da qual tinha passado um fio-nho de seda.

O nosso homem pô-la imediatamente ao escocço e começou a correr por toda a casa. Observou então a completa desordem de tudo aquilo. Na adega faltava-lhe o vinho, a cereja e o azeite; na cozinha, o pão, a carne e os legumes; no celeiro, o milho, o trigo, o feijão; na estrebaria, o feno e a aveia, roubados das manjaduras dos cavalos; viu finalmente como seus livros e registros andavam mal escriturados; viu tudo isto, e que era necessário remédio, compreendendo que o dono da casa nunca pode ser substituído por terceira pessoa na direção dos seus negócios.

Passados dias, foi entregar ao dono o precioso talismã, agradecendo-lhe duplamente bom conselho e a maneira delicada por que ao tinha dado.

70. Meus oito anos

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras,
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Como são belos os dias
Do despontar da existência!
— Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar — é lago sereno,
O céu — um manto azulado,
O mundo — um sonho dourado,
A vida — um hino de amor!

Que auroras, que Sol, que vida,
Que noites de melodia!
Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar!
O céu bordado de estrélas,
A terra de aromas cheia,
As ondas beijando a areia
E a Lua beijando o mar!

Oh! dias da minha infância!
Oh! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
Nessa risonha manhã!
Em vez das máguas de agora,
Eu tinha nessas delícias
De minha mãe as carícias
E beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberto o peito,
Pés descalços, braços nus,
Correndo pelas campinas
À roda das cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azues!

Naqueles tempos ditosos
Ia colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava à beira do mar,
Rezava às ave-marias,
Achava o céu sempre lindo,
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
— Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Casimiro de Abreu

71. **O rachador de lenha e o nadador**

Era uma vez um rachador de lenha que perdeu o machado, que era o seu ganha-pão. O pobre do homem sentou-se muito aflito à borda de um rio, e nisto apareceu-lhe um nadador e diz-lhe assim:

— O' homem! Tu que tens?

Diz-lhe o outro: —

— Que hei de ter, senhor. Perdí o meu machado, que era o meu ganha-pão!

O nadador atirou-se ao rio e deu um mergulho, e trouxe lá do fundo um machado de ouro.

— E' êste? — perguntou êle ao rachador de lenha.

— Não, senhor, — diz-lhe o rachador. O meu não era tão bom como êsse!

O nadador tornou a dar outro mergulho, e trouxe do fundo do rio um machado de prata.

E' êste? — disse êle ao homem.

— Tambem não! — respondeu o rachador. O meu ainda não era tão bom!

Vai o nadador e dá terceiro mergulho, e traz de lá um machado de ferro.

— E' êste?

— E', sim, senhor! E' êsse mesmo! — respondeu o rachador muito satisfeito.

E, por ser honrado e verdadeiro, o nadador deu-lhe os três machados — o de ouro, o de prata e o de ferro — e o rachador foi contar aos companheiros o sucedido.

Diz um dos companheiros:

— Oh! que pechincha! Vou arranjar tambem um machado de ouro!

E foi e atirou ao rio o seu machado de ferro, e depois sentou-se numa pedra e pôs-se a chorar.

Vem o nadador e pergunta-lhe:

— O' homem! Tu por que choras?

Diz-lhe o tal:

— Senhor! Foi o meu machado que caíu ao rio!

O nadador mergulhou então, e trouxe lá do fundo um machado de ouro.

— E' êste?

Diz muito depressa o grande mentiroso:

— E', sim, senhor!

Mas diz-lhe o nadador muito zangado:

— Pois vai outra vez para o fundo do rio, só por mentires e não seres honrado e nem levas êste nem o teu!

E atirou ao rio com o machado de ouro, e o rachador ficou sem nenhum.

Trindade Coelho

72. NATAL

Jesús nasceu! Na abóbada infinita
Soam cânticos vivos de alegria;
E toda a vida universal palpita
Dentro daquela pobre estrebaria...

Não houve sedas, nem setins, nem rendas
No berço humilde em que nasceu Jesús...
Mas os pobres trouxeram oferendas
Para quem tinha de morrer na Cruz.

Sôbre a palha, risonho e iluminado
Pelo luar dos olhos de Maria,
Vêde o Menino-Deus, que está cercado
Dos animais da pobre estrebaria.

Não nasceu entre pompas reluzentes;
Na humildade e na paz dêste lugar,
Assim que abriu os olhos inocentes,
Foi para os pobres seu primeiro olhar.

No entanto, os reis da terra, pecadores,
Seguindo a estrêla que ao presepe os guia,
Vêm cobrir de perfumes e de flores
O chão daquela pobre estrebaria.

Sobem hinos de amor ao céu profundo,
Homens, Jesús nasceu! Natal! Natal!
Sôbre esta palha está quem salva o mundo,
Quem ama os fracos, quem perdoa o mal.

Natal! Natal! em toda a Natureza
Há sorrisos e cantos, neste dia...
Salve, Deus da Humildade e da Pobreza,
Nascido numa pobre estrebaria!

Olavo Bilac

73. O filho desobediente

Havia uma viúva que tinha um filho chamado Eduardo, e que morava perto de uma fábrica de fiação onde trabalhavam milhares de rodas, todas movidas por uma roda enorme, que a água da ribeira fazia andar.

A água rebentava de um grande açude e corria por uma rampa abaixo, cada vez com mais força, até bater na roda, onde se desfazia em espuma com um estrondo horroroso.

No açude havia um barquinho, com os seus dois remos para o serviço da comporta, e onde às vezes os operários passavam de um para outro lado, como Eduardo mesmo via de sua janela.

Eduardo tinha o grande defeito de ser desobediente.

Queria muito à mãe, e na presença obedecia sempre; mas, em a perdendo de vista, não lhe tinha o respeito bastante para fazer caso das suas recomendações.

Por isso não estudava quasi nada, de sorte que, indo já em doze anos de idade, mal

fazia o seu nome, havendo outros mais moços que liam e escreviam corretamente.

Não gostava de brincar senão com os mais travessos, o que obrigava sua mãe a ir todos os dias levá-lo e buscá-lo à escola, não o deixando nunca sair de casa com medo das companhias.

Mas uma quinta-feira, tanto chorou e tantas promessas fez que a mãe se condoeu e o deixou sair, debaixo da condição de não se ajuntar com turbulentos nem ir brincar para a ribeira.

Com efeito o filho cumpriu a sua palavra e a mãe ficou muito satisfeita.

Na quinta-feira seguinte, teve a mãe precisão de sair, e, não desconfiando que êle abusasse, não o levou consigo. Que fez Eduardo? Pega em si, dirige-se ao açude, puxa pelo barquinho, salta para dentro, desamarra-o; e, em vez de pegar nos remos para se amparar e dirigir, como não tinha fôrças nem discrição para isso, começou a cantar e pular muito contente de sua vida.

À volta a mãe não o encontra, fica sobressaltada, e corre a assomar-se à janela a ver se o avistava onde tantas vezes lhe tinha recomendado que não fôsse brincar.

E que havia de ver? Um rapazito no barco, e o barco boiando na direção da comporta, por onde as águas se iam escoando.

Não era tão perto que a mãe o conhecesse, mas o coração das mães adivinha, e a infeliz deita a correr, gritando de maneira que os operários acudiram todos.

O barco já andava às voltas ao pé da comporta, onde a água fazia redemoinho, e Eduardo ainda continuando a cantar; mas, vendo a aflição da mãe e os operários todos horrorizados, reconheceu então o perigo; estendeu os braços a suplicar auxílio, e, pressentindo a morte, ajoelhou, lembrando se de Deus.

E só Deus lhe podia valer.

O barco envereda pela comporta, salta na rampa, que era muito inclinada, e corre como uma seta de encontro à roda, onde, no meio de uma nuvem de espuma, desapareceu para sempre com Eduardo.

Que desgraçada morte, fruto da desobediência! E que imensa dor a da infeliz viúva, que só tinha no mundo aquele filho!

(*Extr.*)

74. O lobo de S. Francisco de Assis

Andava o povo, assustado,
A fazer a montaria
Ao grande lobo esfaimado
Que tanto mal lhe fazia.

Êle levava nos dentes
Agudos e carniceiros,
Os meninos inocentes
Que são os alvos cordeiros.

E as pessoas assaltando,
Vinha de noite em segrêdo,
Com seus olhos chamejando,
Encher a gente de medo!

Ora, S. Francisco era
Incapaz de querer mal,
Mesmo que fôsse a uma fera,
Até ao tigre real.

Tinha tão bom coração
Que homens e bichos o amavam,
E as andorinhas poisavam
Na palma de sua mão...

E como êle desejava
Que tudo vivesse em paz,
Enquanto a povo caçava,
O Santo, o Poeta, que faz?

Procura o lobo cruel,
E, tendo-o encontrado em fim,
Chamou-o, foi para êle,
Sorriu-lhe e falou assim:

— O' lobo, muito mal fazes
Em levar vida tão má!
Mas eu proponho-te as pazes
E tudo esqueço... Ouve lá!

„Eu sei por que fazes mal,
Eu sei o que te consome:
Tu és tão mau afinal,
Tu és mau — porque tens fome...

„Pois bons amigos seremos,
Para nosso e teu descanso;
E de comer te daremos
Para poderes ser manso.

„Promete que hás de mudar
De vida, neste momento:
E em sinal de juramento,
Alevanta a pata ao ar

E põe-na na minha mão!“...
Jurou o lobo. E cumpriu...
Depois, toda a gente o viu
Tão mansinho como um cão.

Afonso Lopes Vieira

75. Noções de higiene

Alimentação

Comer a horas certas, sòmente quanto possa o estômago digerir sem custo, eis a primeira das condições para a saúde e o vigor do corpo, uma vez que as iguarias sejam sãs, suculentas e convenientemente variadas.

Os meninos gulosos, que vivem sempre a comer tudo quanto encontram, frutas, doces e gulodices de toda a espécie fora das horas próprias das refeições, estragam as fôrças do estômago, ficam de ordinário **pansudos**, sofrem sem cessar desarranjos intestinais, perdem a côr, tornam-se feios, fracos, doentes, e portanto infelizes.

Entre uma e outra refeição deve sempre mediar um intervalo de 3, 4 ou 6 horas, conforme a abundância e suculência da anterior, mas, em caso nenhum, se deve ingerir segunda refeição, se se não sente completamente feita a digestão da primeira.

Asseio

O asseio do corpo e dos vestidos, além de ser uma necessidade social, a fim de se não tornar uma pessoa desagradavel, e mesmo incomôda àqueles com quem trata, é de grande importância para a conservação da saúde, porque, sendo a transpiração cutânea uma função essencial para a saúde do corpo, todas as vezes que os poros da pele se acharem obstruídos pela gordura que a mesma pele produz, ou pela poeira e outros corpos estranhos, que a ela se adaptem, embaraçada será a transpiração ou interrompida, e logo padecerá a saúde.

Daí a necessidade do uso frequente de banhos.

Demais, vós todos sabeis quanto desgosto causa a companhia de pessoas desleixadas, que não guardam asseio em seus vestidos, conservam as unhas grandes e sujas, os dentes cheios de limo e de fragmentos de comida, que, aí apodre-

cendo, comunicam à boca um cheiro insuportavel.

E êsses outros que não lavam convenientemente os rostos, deixam as orelhas e o pescoço no mais censuravel desasseio?!

E aqueles que, por preguiça de se pentearem, deixam que de bichos se lhes incem as cabeças?!

O trabalho

O trabalho moderado, quer do corpo, quer do espirito, concorre muito poderosamente para a conservação da saúde.

Quem vive na ociosidade não pode gozar de boa saúde, e da mesma sorte quem trabalha com excesso.

Sono

O sono é absolutamente necessário ao corpo, como restaurador das fôrças abatidas pelo trabalho do dia; mas, sendo estendido além da medida necessária, torna-se prejudicial à saúde.

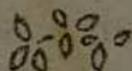
Aos meninos e velhos bastam 9 horas de cama; aos moços 8 e aos adultos 7.

Deitar cedo e levantar cedo é um importantíssimo preceito de higiene, autorizado pela experiência de todos os tempos.

Precauções diversas

Muitas outras precauções aconselha a higiene para a conservação da saúde, tais como: conservar sempre quentes os pés; não enxugar sobre o corpo roupa molhada, não se expor desasadamente e sem necessidade à ação do sol ardente, da chuva, do vento, ou do sereno; não empreender trabalho algum sério de espírito, nem fazer exercício algum violento, logo depois das refeições; não conservar flores, nem objetos de cheiro ativo nos quartos de dormir, etc., etc.

Abílio Cesar Borges



76. Sonhos de um estudante

Um completo fardamento de general foi o presente que, no dia do aniversário natalício, recebeu Orlando de seu padrinho.

Orlando era aluno interno de um ginásio. Inteligente e dotado de ardente imaginação, às vezes deixava-se arrebatado nas asas da fantasia, concebendo idéias arrojadas, grandiosas.

Louco de alegria ficou ao receber a dádiva do padrinho. Mirava a farda por todos os lados, ora punha o boné, ora cingia a espada, ensaiava posições militares e dava livre curso à torrente de idéias que revolteavam em sua mente.

— Quando sair do ginásio, — dizia êle consigo, — hei de entrar para a Escola Militar; em breve, por me distinguir entre meus colegas, serei segundo-tenente, depois primeiro tenente e capitão; mais tarde subirei a major; se o Brasil entrar em guerra com outra nação, pelos atos de bravura que hei de praticar, galgarei ao posto de tenente-coronel, serei logo promovido a coronel, e daí a general a distância é pouca. Serei um general célebre

em todo o Brasil, e meus concidadãos lembrar-se-ão de mim para presidente da República; então meu nome se tornará conhecido em todo o mundo.

Obteve licença para se fardar e, depois que envergou a correta farda, parecia outro: caminhava com o aprumo de um verdadeiro soldado, e em seus modos e no aspeto mostrava qualquer coisa de marcial.

Nesse dia, na aula, preocupado com seus sonhos, esteve sempre distraído.

No recreio, aos colegas que o rodeavam para admirar a bela farda, contava com grande verbosidade e entusiasmo suas quimeras, e parecia crer-se na realidade um general.

Havia no ginásio um rapaz muito invejoso e briguento. Ao ver seu colega tão alegre e exaltado, maquinou um modo de desgostá-lo. Entrou para a roda onde estava Orlando e principiou a contrariá-lo e a rir-se de seus planos.

A princípio Orlando tolerou-o; mas por fim, perdendo totalmente a paciência, arrancou da espada e, qual verdadeiro

militar, quis vingar a ofensa feita à sua farda.

Os outros rapazes conseguiram desarmá-lo, porém êle, fora de si, investiu contra o insolente, e formaram os dois uma briga renhida.

O insultador era maior do que Orlando; mas êste, com a raiva, criou novas fôrças, e mordia, dava socos, cabeçadas e pontapés no adversário, que lhe pagava na mesma moeda.

Com custo os colegas conseguiram separá-los. Orlando achava-se em lastimavel estado, com o rosto esmurrado; e a bela farda, — a causa de todas as suas quiméras, de todo o seu entusiasmo, — estava em tiras.

Orlando teve de ir à enfermaria, para curar alguns pequenos ferimentos recebidos; e durante uma semana, o que tambem aconteceu ao provocador, foi condenado a ficar afastado dos jogos e do recreio.

Aí, considerando friamente no occorrido, concluiu que, se entre rapazes era tão difficil ser general, quanto não o custaria na realidade; e jurou nunca mais deixar arrebatarse por um vão entusiasmo.

77. Hino dos sentidos

*Tenho olhos para fitar
Todo o meu lar e o horizonte;
As brancas ondas do mar,
A campina, a serra e a fonte;*

*Para ver a flor gentil,
Que, ao vir o abril, nos perfuma;
E animais e rios mil,
Estrêlas, lírios, espuma...*

*E tenho olhos também
P'ra minha mãe e meu pai;
E para avistar além
O Ser de quem tudo sai,*

*Que fulgura lá nos céus,
Com mil troféus ao redor:
O Ser que se chama Deus,
Pai da Justiça e do amor.*

Tenho ouvidos p'ra escutar
A voz do mar e das selvas,
A voz da brisa, a chorar
Na escarpa, cheia de relvas.

▲ voz do arroio que passa,
E, toda graça, a das aves
Que fazem, do lago, taça
Com seus biquinhos suaves.

E tenho ouvidos p'ra ouvir
O doce rir e as canções
De minha mãe, que o porvir
Me faz d'ouro, entre orações.

E, assim vendo e assim ouvindo
Tudo que é lindo, que é bom,
Julgo ouvir meu Deus infindo,
No vibrar dum grande som.

E em todos os mais sentidos
Vejo, indefinidos, os céus,
Pois, como o olhar e os ouvidos,
Todos me dizem: — Há Deus!

José Agostinho

78. O ovo de Colombo

O ovo de Colombo! Eis uma expressão cuja origem merece ser conhecida. O fato a que ela se refere pode não ser verdadeiro, mas é preciso convir que, neste caso, foi muito bem achado.

Como se sabe, Colombo guiado pela sua estrêla, atirara-se à imensidade tenebrosa do mar, transpusera o Atlântico e descobrira a América.

Volta à Espanha, espalha-se a grande nova e todo o mundo passa a se ocupar com o fato.

A descoberta serviu de motivo a largas discussões, e durante muito tempo foi o tema obrigado de todas as conversações. Em uns despertava entusiasmo, em outros inveja, e em muitos despeito e ódio.

Negavam-lhe valor, negavam-lhe todo o mérito.

Foi por êsse tempo que se deu o incidente do ovo. Real ou não, contam-no assim:

Uma vez, jantava Colombo em companhia de alguns fidalgos espanhóis.

Falava-se da glória do ilustre genovês em descobrir o novo mundo, e um dos fidalgos, para amesquinhar o ousado navegador, disse com petulância:

— Que grande coisa! a América estava ali naquele ponto, alguém devia por fôrça encontrá-la!

Colombo, com a tranquilidade que sempre dá a consciência do próprio merecimento, não se incomodou com a insolência e inépcia dessa observação, mas quis dar uma lição àqueles que assim procuravam zombar do seu triunfo, e disse serenamente :

— Sim! realmente, nada mais fácil do que descobrir a América!... Mas, às vezes, as coisas mais faceis são as mais dificeis... Por exemplo: aquí está um ovo. Parece muito facil pô-lo em pé. No entanto, duvido que qualquer das pessoas presentes o faça!

Todos os fidalgos, cada um por sua vez, tentaram equilibrar o ovo sôbre a mesa. Mas o ovo perdia o equilibrio e caía. Então Colombo, quebrando levemente uma das extremidades, de modo a conseguir uma superficie plana, colocou-o sôbre a mesa, e o ovo ficou de pé.

— Ora! quebrando uma das pontas, qualquer de nós seria capaz de fazer o mesmo! — exclamaram em côro os fidalgos.

— E' verdade! — disse o glorioso navegador, — mas nenhum dos senhores se tinha lembrado disso!

Por isso é que exclamamos: E' como o ovo de Colombo! — sempre que se trata de um problema cuja dificuldade está na iniciativa, que, não tendo ocorrido ainda a ninguem, depois de realizada, parece facilima a todo o mundo.

Olavo Bilac

76. Preces da infância

Vós me vêdes, Deus Eterno,
Como eu sou tão pequenina;
Minha alma é inda inocente,
Tão pura como a bonina.

Debeis como minhas vozes
São inda meus pensamentos;
Do mundo nada conheço,
Nem prazeres, nem tormentos.

Qual tenro botão de rosa
Que à sombra da rosa cresce,
Sem temer o vento e a chuva,
De um frouxo raio se aquece;

Mas, pouco a pouco crescendo,
Desabrocha, e cheiro exala,
Orna o prado que o sustenta,
E da roseira é a gala;

Assim eu, filhinha tenra,
A meus pais devo esta vida;
A seu lado êles me educam,
Por êles serei querida.

Hoje inocente me chamam!
Oh! como é bela a inocência!
E' a virtude dos anjos,
E' das virgens a ciência.

Vós, ó Deus, que podeis tudo,
Concedei-me por piedade
Que êste aroma da inocência
Me acompanha em toda idade.

O' meu Deus, dai à minha alma
Puro e santo pensamento,
Como o perfume do templo
Que sobe ao vosso aposento.

Dai a meus pais longa vida,
E àqueles que à minha infância
Prestam socorros continuos,
Com tanto amor e constância.

Que felizes, que ditosos
Por vós, ó Deus, protegidos,
Passem seus dias, seus anos,
Como astros, sem ser sentidos!

Vigoraí minha fraqueza
Co'a vossa sabedoria,
O' Deus, ouví minhas preces,
Escutai-me neste dia.

D. J. Gonçalves de Magalhães

80. Os cinco dedos da mão

Um pai tinha cinco filhos.

O mais velho fez-se rachador, o segundo almocreve, o terceiro lavrador, o quarto vendilhão e o quinto moleiro.

Um dia o pai, vendo-se muito idoso e não podendo trabalhar, foi bater à porta do mais velho e disse-lhe:

— Filho, criei-te e fiz-te gente. Hoje ganhas a tua vida, e eu já não posso ganhar a minha. Dá-me agasalho em tua casa.

E o filho respondeu:

— Não posso, meu pai. A casa é pequena e os seus netos mal cabem aqui.

E o velho foi à procura do segundo filho e disse-lhe o mesmo.

E o segundo respondeu-lhe:

— Não posso, meu pai. Ainda não tenho casa, e, quando a tiver, há de ser para a família que eu criar.

E o velho foi-se em busca do terceiro filho, a quem disse o mesmo que tinha dito aos primeiros,

E êle respondeu-lhe :

— Tenha paciência, meu pai. A gente que trago a mourejar no campo, enche-me a casa. Não há lugar para mais ninguém.

E o velho, à saída, encontrou-se com o quarto filho, que ia pela estrada a vender.

Aproveitou a ocasião e disse-lhe aquilo mesmo.

E o filho respondeu-lhe :

— O meu pai não está bom da cabeça. Como quer que eu o meta em casa, se nunca lá estou? Ao cabo de dois dias começava a brigar com a sua nora, que tem muito mau gênio.

E o velho, numa grande tristeza, saiu da estrada e subiu por um atalho que ia ao moínho do quinto filho.

O moleiro estava à porta, enquanto as velas iam andando, andando à roda,

mais ligeiras que os braços de uma do-
badoura.

E o velho fez àquele filho o pedido
que tinha feito aos outros.

— Ainda bem, meu pai, que se lem-
brou de mim. Tenho muito gôsto em
recebê-lo em minha casa. Deus Nosso
Senhor tem-me ajudado até hoje, e cer-
tamente não deixará de ajudar-me daqui
por diante.

— Ainda mais te ajudará, filho.

Depois mostrou-lhe a mão aberta,
e disse :

— Vê: são cinco dedos e nenhum
deles é igual ao outro. São cinco tam-
bem os meus filhos, mas só tu saíste
diferente. A bênção de Deus te cubra.

E dali a uns poucos de anos, quando
o pai conheceu que ia morrer, sentiu uma
grande satisfação, pensando que aquele
filho, por lhe ter ouvido os conselhos a
respeito de negócios — os velhos sempre
sabem mais que os moços — era um dos
homens mais ricos do lugar.

(*Extr.*)

Tiradentes foi um patriota que morreu enforcado, devido a ter trabalhado para que o Brasil se tornasse independente de Portugal. Seu nome exato era Joaquim José da Silva Xavier.

Tiradentes, ajudado por outros patriotas, desejava fazer uma revolução para que o Brasil deixasse de pertencer a Portugal. Este fato passou-se em Minas Gerais no ano de 1789.

A conspiração foi descoberta e Tiradentes e seus companheiros foram presos. Depois de um processo muito demorado, Tiradentes foi condenado à morte, sendo os outros presos mais importantes desterrados para a África.

Tiradentes morreu com grande coragem, feliz de dar a vida por sua Pátria. Por isso, em todo o Brasil se festeja o aniversário da morte desse martir do amor da Pátria.

1º. DE MAIO — é o dia consagrado à confraternidade universal das classes operárias.

A princípio era uma data que, por lembrar grave incidente ocorrido nos Estados Unidos e em que pereceram centenas de operários, assinalava a luta existente entre patrões e operários.

Hoje, melhoradas já as condições do operariado e reconhecidos muitos de seus direi-

tos, é um dia que o próprio govêrno dedica ás classes proletárias.

7 DE SETEMBRO — é um dos dias de glória do Brasil. Foi nele que, no ano de 1822, o Brasil, que tinha sido descoberto e colonizado pelos portuguezes, se tornou independente de Portugal.

Glória a José Bonifácio, a D. Pedro I, que deu o brado de „Independência ou Morte“ e a quantos trabalharam para que o Brasil se tornasse nação livre!

2 DE NOVEMBRO — é dedicado aos mortos.

Devemos ser agradecidos aos nossos antepassados, isto é, aos que viveram e trabalharam antes de nós, preparando os benefícios do progresso e da liberdade de que hoje gozamos.

Nós também passaremos. E' nossa obrigação procurarmos ser uteis à família, à Patria e à humanidade, para mais tarde sermos também lembrados e chorados neste dia de tristezas e saudades.

15 DE NOVEMBRO — é outra data de ouro da história brasileira, por ser o dia em

que o marechal Manuel Deodoro da Fonseca, em nome do povo, do exército e da marinha, proclamou a República no Brasil.

25 DE DEZEMBRO — é o dia consagrado à comemoração da unidade espiritual dos povos cristãos. Nele, rememorando o nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, lembram-se também os benefícios com que a doutrina cristã deu nova feição à civilização ocidental, que herdámos principalmente dos gregos e romanos.

19 DE NOVEMBRO — ainda que não seja feriado, é, entretanto, dia de festa nacional.

Nesse dia, no ano de 1889, foi substituída a bandeira que o Brasil tinha como império pelo atual pavilhão.

Daí o consagrar-se essa data à glorificação da bandeira nacional.

83. **Hino à Bandeira Nacional**

Salve, lindo pendão da esperança!
Salve, símbolo augusto da paz!
Tua nobre presença à lembrança
A grandeza da Pátria nos traz!

Recebe o afeto que se encerra
Em nosso peito juvenil,
Querido símbolo da terra,
Da amada terra do Brasil!

Em teu seio formoso retratas
Este céu de puríssimo azul,
A verdura sem par destas matas
E o esplendor do Cruzeiro do Sul...

Recebe o afeto, etc.

Contemplando o teu vulto sagrado,
Compreendemos o nosso dever:
E o Brasil, por seus filhos amado,
Poderoso e feliz há de ser!

Recebe o afeto, etc.

Sôbre a imensa Nação Brasileira,
Nos momentos de festa ou de dor,
Paira sempre, sagrada bandeira,
Pavilhão da justiça e do amor!

Olavo Bilac

84. O rico e o pobre

Martinho era um rapazinho que ganhava a sua vida a fazer recados; um dia, voltando duma aldeia muito distante da sua, achou-se cansado e deitou-se debaixo de uma arvore, à porta de uma estalagem, à beira da estrada. Estava comendo um bocado de pão que tinha trazido para jantar, quando chegou uma bela carruagem em que vinha um fidalguinho com o seu preceptor. O estalajadeiro correu imediatamente e perguntou aos viajantes se queriam aprear-se, mas responderam-lhe que não tinham tempo e pediram-lhe que lhes trouxesse um frango assado e uma garrafa de vinho.

Martinho estava pasmado a olhar para êles; olhou depois para a sua côdea de pão, e para a sua velha jaqueta, para o seu chapéu todo roto e, suspirando, exclamou baixinho:

— Oh! se eu fôsse aquele menino tão rico, em vez do desgraçado Martinho;

que fortuna, se êle estivesse aquí e eu dentro daquela carruagem!

O preceptor ouviu casualmente o que dizia Martinho e repetiu-o ao seu aluno, que, lançando a cabeça fora da carruagem, chamou Martinho com a mão.

— Ficarias muito contente, não é verdade, meu rapaz, podendo trocar a minha sorte pela tua?

— Peço que me desculpe, senhor — replicou Martinho, corando, — o que eu disse não foi por mal.

— Não estou zangado contigo, — replicou o fidalguinho, — pelo contrário, desejo fazer a troca.

— Oh! está a divertir-se comigo! — tornou Martinho — ninguem queria estar no meu lugar, quanto mais um belo e rico menino como o senhor. Ando muitas léguas por dia, como pão sêco e batatas, enquanto o senhor anda numa carruagem, pode comer frangos e beber vinho.

— Pois bem, —olveu o fidalguinho, — se me queres dar tudo aquilo que tens e que eu não tenho, de boa vontade dou-te em troca tudo o que possuo.

Martinho ficou com os olhos espantados sem saber o que havia de dizer, mas o preceptor continuou:

— Aceitas a troca?

— Ora essa! — exclamou Martinho, — ainda me pergunta? Oh! como toda gente da aldeia vai ficar assombrada de me ver entrar nesta bela carruagem.

E Martinho desatou a rir, com a idéia da entrada triunfante na sua aldeia.

O fidalguinho chamou os criados, que abriram a portinhola e o ajudaram a descer. Mas qual foi a surpresa de Martinho, vendo que êle tinha uma perna de pau e que a outra era tão fraca, que se via obrigado a andar em duas muletas: depois, olhando para êle de mais perto, Martinho observou que era muito pálido e que tinha cara de doente.

Sorriu para o rapazito com ar benévolo, e disse-lhe:

— Então, sempre desejas trocar? Que-rias porventura, se pudesses, deixar as tuas pernas valentes e as tuas faces coradas, pelo prazer de ter uma carruagem e andar bem vestido?

— Oh! não, por cousa nenhuma! — replicou Martinho.

— Eu, — disse o fidalguinho, — de boa vontade seria pobre, se tivesse saúde. Mas, como Deus quis que eu fôsse aleijado e doente, soffro os meus males com paciência e faço por ser alegre, dando graças a Deus pelos bens que me concedeu na sua infinita misericórdia. Faze o mesmo, meu amiguinho, e lembra-te que, se és pobre e comes mal, tens fôrça e saúde, cousas que valem mais que uma carruagem, e que não se podem comprar com dinheiro.

35. O sabiá

Oh! meu sabiá formoso,
Sonoroso,
Já desponta a madrugada;
Desabrocha a linda rosa,
Donairosa,
Sobre a campina orvalhada.

Manso o regato murmura
Na verdura,
Descrevendo giros mil;
Some-se a estrêla brilhante,
Vacilante,
No horizonte côr de anil.

Ergue-te, ó meu passarinho,
Do teu ninho,
Vem gozar a madrugada . . .
Modula teu terno canto,
Doce encanto
De minh'alma amargurada!

Vem junto á minha janela,
Sobre a bela,
Verdejante laranjeira,
Beber o eflúvio das flores,
Teus amores,
Nas asas da aura fagueira.

Desprende a voz adorada,
Namorada,
Poeta da solidão!
Ah! vem lançar um encanto,
Mais um canto,
No livro da criação.

Oh! meu sabiá formoso,
Sonoroso,
Já desponta a madrugada...
Deixa teu ninho altaneiro,
Vem ligeiro,
Saudar a luz d'alvorada.

Fagundes Varela

86. O estudantinho da aldeia

João era um rapazinho muito sossegado e estudioso.

Tinha seis anos e já lia menos mal no seu livro escolar.

Todos os dias, ainda a aurora mal rompia, João dizia a sua mãe que lhe desse a merenda para ir para a aula.

Queria ser sempre o primeiro a entrar na classe.

Um dia, a mãe estranhou-o. Via a hora aproximar-se e João não tinha pressa nenhuma de ir para a escola.

— Estás doente, João?

— Não, minha mãe, não estou.

— Então são horas de ires.

João, para não dar a perceber a sua mãe o motivo por que hesitava naquele dia em ir para a aula, pegou depressa no livrinho e na saquinha que a mãe lhe dava com um bocado de broa e uma laranja e lá foi, mostrando à mãe que ia contente, como os outros dias.

A mãe veio vê-lo até à porta, como costumava, e quando já o não via, João pôs-se a chorar.

Tinha o livro todo estragado, porque na véspera um camarada lho rasgara. Receava por isso que o professor o castigasse, o que seria para êle a maior vergonha. Ele nunca tinha recebido a mais leve repreensão.

Sentou-se. Pôs a saquinha ao lado e cobriu de lágrimas o seu querido livrinho. O Sol já ia alto. Decidiu-se a partir, porque podia passar alguém e ir dizê-lo a sua mãe.

De repente lembrou-se que um dos camaradas estava doente e que lhe podia emprestar o seu livro. Dirigiu-se à casa dêle a contar-lhe o que tinha acontecido.

O outro, que era muito seu amigo e que o tinha numa grande conta por êle ser muito aplicado, tranquilizou-o.

— Não te alijas, que eu vou pedir licença a minha mãe para to emprestar e, enquanto eu estiver na cama, podes levá-lo sempre para a aula.

— O peor é depois...

— Quando me levantar, pedirei a minha mãe para me comprar um, porque ela prometeu dar-me uma coisa bonita

quando me levantasse, se eu tomasse ontem o remédio...

— E tomaste-o?

— Tomei; e agora peço-lhe que me dê um livro, em vez de outra coisa.

João ficou louco de alegria, e correu para a aula.

— Já passou a hora da entrada; mas, visto o menino ser muito estudioso e bom, não é castigado. Mas quero saber por que é que veio tão tarde, — disse-lhe o professor.

João ficou todo trêmulo, quando ouviu isto. E, como nunca tinha mentido, contou-lhe a verdade.

E com os olhos rasos de lágrimas:

— Mas o senhor não me castigue... Eu não tive culpa de me rasgarem meu livrinho!

O professor abeirou-se d'ele e deu-lhe um livro igual ao que o seu camarada lhe rasgara, dizendo-lhe:

— Aqui tem a recompensa por ser um menino respeitador e não ocultar a verdade. Esse entregue-o ao seu amigo

Pedro e diga-lhe, reconhecido, que o terá sempre em consideração e estima, pelo sacrifício que êle queria fazer, remedian-do o seu mal. Não castigo o menino, e de hoje em diante ainda será tido em melhor conta por mim, visto ter avaliado hoje melhor os seus bons sentimentos.

— Ah! como o meu professor é bom!
— disse João.

— O professor é sempre bom, quando os seus discípulos cumprem os seus de-veres. A maior alegria que sinto é quan-do sei que meus alunos estudam e apro-veitam as minhas lições e dizem a ver-dade, abrigando no coração todos os bons sentimentos. E' assim que os meninos conseguem as maiores glórias da vida e é assim que se preparam para mais tarde serem homens dignos, trabalhadores e virtuosos.

— Pois eu prometo ao meu querido professor que hei de cumprir sempre meus deveres.

E o professor beijou João.

João chegou a casa contentíssimo. A mãe ficou admirada pela maneira co-mo saíra de casa e agora entrava.

— Fizeste uma mudança, João, desde manhã até agora! Que é que então te atormentava e que te faz agora sorrir tanto? Ah! já sei; tinhas receio por não saberes a lição. Não foi isso, meu filho? E Deus protegeu-te e fez-te o mais classificado. Não é verdade, João?

O menino agarrou-se ao pescoço da mãe, beijou-a muito, e contou-lhe tudo o que tinha sucedido.

— O' meu filho! Entristece-me muito a tua maneira de pensar. Espero que nunca mais ocultes a tua mãe a menor idéia que preocupe o teu espírito. Quem haverá na terra que saiba remediar e desculpar tanto, como o coração duma mãe?...

— Sim, minha mãe. Eu nunca mais lhe ocultarei nada...

E beijaram-se com muita ternura.

Maria Pinto Figueira

87. **Férias!**

*Das férias eis o tempo venturoso,
O mais doce prazer da nossa vida!
O passarinho canta descuidoso,
Vamos também deixar a nossa lida!*

*Vamos contentes, em manhãs formosas,
Voar pelos jardins co'as borboletas!
As flores nos darão lições preciosas,
Enquanto os livros ficam nas gavetas.*

*Brinquemos! — no jardim não há perigos.
Folguemos! — o folgar é proveitoso!
Livros, penas, papel... ó bons amigos!
Ide também gozar vosso repouso!*

*Destas festas tão gratas e queridas,
No folgar, novo alento beberemos;
E, como o passarinho, às novas lidas,
Mais fortes, mais contentes voltaremos.*

Delminda Silveira

ÍNDICE

	Página
1. Nossa Pátria	7
2. Meu Brasil	8
3. Gratidão	9
4. A figueira e o junco	9
5. Os três reinos da natureza	10
6. Deus	11
7. As plantas	12
8. Necessidade do trabalho	12
9. A raposa e as uvas	13
10. O tolo e as moscas	14
11. Uma boa lição	15
12. A cabeça	16
13. Da cabeça e das orelhas	17
14. Carta de parabens	18
15. O papel e a corda	19
16. A lição	20
17. A leitura	21
18. Para a escola	23
19. Pontualidade	24
20. Os olhos	25

ÍNDICE, II

	Página
21. O lobo e o esquilo	27
22. Doçura e bondade	28
23. As abelhas	29
24. Os três salteadores	31
25. Repreensão amigavel	32
26. Do nariz	34
27. As crianças	35
28. A alma	36
29. A rã e o boi	37
30. A boca	38
31. A boca (poesia)	39
32. A flauta do pastor	41
33. O tempo	42
34. O bom estudante	43
35. Canção do exílio	44
36. O tronco	46
37. A attitude erecta	47
38. A grandeza do Brasil	48
39. A Pátria	49
40. O cão fiel	50
41. O campo inculto	51
42. Provérbios	53
43. O poder do exemplo	54
44. Um anjinho enfermeiro	57
45. Hino ao Brasil	58

ÍNDICE, III

	Página
46. O descobrimento do Brasil	60
47. As pernas e os pés	62
48. O castigo da indolência	63
49. O seu a seu dono	64
50. Não fica bem...	66
51. A atenção para com os pais	67
52. Utilidade da chuva	68
53. O cravo da ferradura	70
54. O criado mentiroso	72
55. O mentiroso	74
56. Fica mal...	76
57. Os braços	77
58. Dos braços	79
59. Amor fraternal	80
60. O ninho	81
61. Guarda que comer, não guardes que fazer	83
62. Pedido justo	85
63. O fabricante de cestos	87
64. Faze bem tudo o que fizeres	89
65. O que custamos a nossos pais	92
66. O professor	94
67. Defeitos que se devem evitar na sociedade	95
68. Mães	97
69. O talismã	100
70. Meus oito anos	102

ÍNDICE, IV

71. O rachador de lenha e o nadador
 72. Natal
 73. O filho desobediente
 74. O lobo de S. Francisco de Assis
 75. Noções de higiene
 76. Sonhos de um estudante
 77. Hino dos sentidos
 78. O ovo de Colombo
 79. Preces da infância
 80. Os cinco dedos da mão
 81. Minha mãe
 82. Os dias feriados
 83. Hino à Bandeira Nacional
 84. O rico e o pobre
 85. O sabiá
 86. O estudantinho da aldeia
 87. Férias
-

MAPA DO ESTADO

de

Santa Catarina

adotado nas escolas públicas do Estado

• Escala 1:800.000

com indicações minuciosas dos limites, das divisas municipais, das cidades, vilas e freguesias, das estradas de ferro e de rodagem, dos rios,  serras, pontes e balsas 

PREÇO:

Em papel	6\$000
Dobrado e forrado, para viajante	12\$000
Forrado e aparelhado	15\$000
Esquema histórico	1\$000

Pedidos à **LIVRARIA CENTRAL**

FLORIANÓPOLIS

$$\begin{array}{r} 13 \\ 13 \\ \hline 39 \\ 13 \\ \hline 169 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 130 \\ 13 \\ \hline 390 \\ 13 \\ \hline 420 \end{array}$$

Altauros

LIVRARIA CENTRAL

— DE —

≡ ALBERTO ENTRES ≡

FLORIANÓPOLIS

CAIXA POSTAL, 131



TELEFONE 140

Endereço telegrafico: „Entres”

OFICINAS GRÁFICAS

de impressão, paulação e encadernação

FABRICA DE LIVROS EM BRANCO E COMERCIAIS

Premiada com medalha de prata na Exposição Internacional do
Rio de Janeiro de 1922

Papelaria e Livraria

Completo sortimento de Artigos Escolares

Cadernos - Taboadas - Borrachas - Compassos
Penais - Lapis - Pennas - Pastas Colegiais -
- - - Regoas - Tintas - Louzas - - -

Stock permanente de todos os livros adotados nas
Escolas Públicas do Estado e Estabelecimentos de Instrução
Primaria, Secundaria e Superior.

ARTIGOS DE PINTURA E DESENHO

Preços especiais por atacado.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina